

PROJETO DE PROSPECÇÕES ARQUEOLÓGICAS
UHE ITAOCARA I

RELATÓRIO FINAL

Lígia Zaroni
Coordenação

FICHA TÉCNICA

Nome do Projeto

Projeto de Prospecção Arqueológica na Área de Influência da UHE Itaocara I, Rio Paraíba do Sul.

Etapa Atual

Relatório final das prospecções arqueológicas.

Execução

Arquetec Consultoria Ltda.

Instituição de apoio

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Financiamento

Consórcio UHE Itaocara.

I. Equipe Técnica

Coordenação: Lígia Maria Zaroni – Arqueóloga/UNESA - Mestre em Geografia-UFRJ
Lilian Valle Thomaz – Arqueóloga/UNESA
Flávia Maria da Mata Reis – Arqueóloga. Historiadora/UFMG – Mestre em História/UFMG.
Rafael Borges Deminicis – Historiador/UFF – Mestre em Arqueologia/MN-UFRJ
Telma Mendes da Silva – Geógrafa/Doutora em Geografia/UFRJ.
Maria Christina Zaroni de Mendonça – Historiadora/UNIVERSO
Ester Noberto Abreu – Graduanda em História/UNIVERSO
Henrique Vences Barros – Graduando em História/UFF - Assistente de Arqueologia
Michelle Aguiéiras – Historiadora/UFRJ

Endereço:

Arquetec Consultoria Ltda.
Av. Olindo Pereira, 114 – Porto Velho
CEP: 24426-000 – São Gonçalo – RJ
Telefone: (21) 2628-9874 / 98716-9874.
e-mail: arquetec@gmail.com

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	06
2. ASPECTOS METODOLÓGICOS	07
3. RESULTADOS	10
3.1. Pesquisa documental e de aspectos culturais dos municípios estudados	10
3.2. Histórico de ocupação	15
3.3. Prospecções Arqueológicas.....	33
3.4. Sítios Arqueológicos e Áreas de Interesse Cultural (AICs)	45
3.4.1. Sítios Arqueológicos	45
3.4.1.1. Pirapetinga, Minas Gerais	45
3.4.1.1.1. Sítio Santo Antônio	45
3.4.1.1.2. Sítio Pedra Furada.....	50
3.4.1.2. Santo Antônio de Pádua, Rio de Janeiro	55
3.4.1.2.1. Sítio Barra de Santa Luzia 1	55
3.4.1.2.2. Sítio Rezadeira 1	64
3.4.1.2.3. Sítio Rezadeira 2.....	68
3.4.1.2.4. Sítio Engenho de Zeca Santos	74
3.4.1.2.5. Sítio Monjolo.....	90
3.4.1.2.6. Sítio Boa Vista 4	101
3.4.1.2.7. Sítio Boa Vista 5	107
3.4.1.2.8. Sítio Boa Vista 6	112
3.4.1.2.9. Sítio Boa Vista 7	123
3.4.1.2.10. Sítio Santa Rosa 1	130
3.4.1.2.11. Sítio Santa Rosa 2	138
3.4.1.2.12. Sítio Santa Rosa 3	143
3.4.1.2.13. Sítio Santa Cândida.....	148
3.4.1.2.14. Sítio Rezadeiro	154
3.4.1.2.15. Sítio da Sinhá.....	162
3.4.1.2.16. Sítio São Domingos.....	168
3.4.1.2.17. Sítio Cachoeira dos Patos 1	172
3.4.1.2.18. Sítio Cachoeira dos Patos 2	178
3.4.1.2.19. Sítio Retiro Feliz	183
3.4.1.2.20. Sítio Ilha do José Meirelles.....	189
3.4.1.3. Aperibé, Rio de Janeiro	193
3.4.1.3.1. Sítio Boa Esperança.....	193
3.4.1.3.2. Sítio Boa Vista 1	197
3.4.1.3.3. Sítio Boa Vista 2	200
3.4.1.3.4. Sítio Boa Vista 3	204
3.4.1.3.5. Sítio Paraiba do Sul 3.....	207
3.4.1.3.6. Sítio Fazenda Angolinha.....	215
3.4.1.3.7. Sítio Campo Alegre 1	219
3.4.1.3.8. Sítio Campo Alegre 2	227
3.4.1.3.9. Sítio Campo Alegre 3	234
3.4.1.3.10. Sítio Barra de Santa Luzia 2	243
3.4.1.3.11. Sítio Barra de Santa Luzia 3	253
3.4.1.3.12. Sítio Valão do Novato.....	263
3.4.1.3.13. Sítio Lagoa 1	268
3.4.1.3.14. Sítio Lagoa 2	277

3.4.1.3.15. Sítio Lagoa 3	284
3.4.1.3.16. Sítio Lagoa 4	292
3.4.1.3.17. Sítio Japona 1	298
3.4.1.3.18. Sítio Japona 2	305
3.4.1.3.19. Sítio Japona 3	312
3.4.1.3.20. Sítio Japona 4	318
3.4.1.3.21. Sítio Paraíba 2	322
3.4.1.3.22. Sítio Complexo Bom Fim	326
3.4.1.3.23. Sítio Bom Fim	339
3.4.1.4. Cantagalo, Rio de Janeiro	346
3.4.1.4.1. Sítio Boa Nova 1	346
3.4.1.4.2. Sítio Boa Nova 2	353
3.4.1.4.3. Sítio Vargem Alegre 1	360
3.4.1.4.4. Sítio Vargem Alegre 2	367
3.4.1.4.5. Sítio Vargem Alegre 3	375
3.4.1.4.6. Sítio Valão do Sapo	381
3.4.1.4.7. Sítio Complexo Porto Marinho	386
3.4.1.4.8. Sítio Vargem Grande	396
3.4.1.4.9. Sítio Santo Antônio	404
3.4.1.4.10. Sítio Paraíba 1	412
3.4.1.4.11. Sítio Boa Vista 8	422
3.4.1.4.12. Sítio Murundu 1 – Sede	427
3.4.1.4.13. Sítio Murundu 2 – Cemitério	433
3.4.1.4.14. Sítio Murundu 3 – Moinho	438
3.4.1.4.15. Sítio Senzala	445
3.4.1.5. Itaocara, Rio de Janeiro	448
3.4.1.5.1. Sítio Complexo Palmital	448
3.4.1.5.2. Sítio Paraíba do Sul 1	456
3.4.1.5.3. Sítio Paraíba do Sul 2	459
3.4.1.5.4. Sítio Cachoeira Grande	463
3.4.1.5.5. Sítio Porto dos Santos 1	475
3.4.1.5.6. Sítio Porto dos Santos 2	479
3.4.1.5.7. Sítio Porto da Cruz	485
3.4.2. Áreas de Interesse Cultural	489
3.4.2.1. Pirapetinga, Minas Gerais	489
3.4.2.1.1. AIC 1	489
3.4.2.1.2. AIC 2	491
3.4.2.1.3. AIC 5	493
3.4.2.1.4. AIC 17	495
3.4.2.2. Santo Antônio de Pádua, Rio de Janeiro	496
3.4.2.2.1. AIC 15	496
3.4.2.2.2. AIC 16	498
3.4.2.2.3. AIC 21	502
3.4.2.2.4. AIC 22	503
3.4.2.2.5. AIC 23	506
3.4.2.2.6. AIC 28	509
3.4.2.3. Aperibé, Rio de Janeiro	511
3.4.2.3.1. AIC 29	511
3.4.2.3.2. AIC 34	513
3.4.2.3.3. AIC 35	514
3.4.2.3.4. AIC 36	516
3.4.2.3.5. AIC 37	518
3.4.2.3.6. AIC 38	520
3.4.2.3.7. AIC 39	521
3.4.2.4. Cantagalo, Rio de Janeiro	523
3.4.2.4.1. AIC 3	523
3.4.2.4.2. AIC 4	525

3.4.2.4.3.	AIC 6	526
3.4.2.4.4.	AIC 7	528
3.4.2.4.5.	AIC 8	530
3.4.2.4.6.	AIC 9	531
3.4.2.4.7.	AIC 10	533
3.4.2.4.8.	AIC 11	535
3.4.2.4.9.	AIC 12	536
3.4.2.4.10.	AIC 13	539
3.4.2.4.11.	AIC 14	541
3.4.2.4.12.	AIC 18	542
3.4.2.4.13.	AIC 19	545
3.4.2.4.14.	AIC 20	547
3.4.2.4.15.	AIC 40	549
3.4.2.5.	Itaocara, Rio de Janeiro.....	553
3.4.2.5.1.	AIC 24	553
3.4.2.5.2.	AIC 25	556
3.4.2.5.3.	AIC 26	559
3.4.2.5.4.	AIC 27	562
3.4.2.5.5.	AIC 30	564
3.4.2.5.6.	AIC 31	567
3.4.2.5.7.	AIC 32	569
3.4.2.5.8.	AIC 33	578
3.5.	Atividades de Educação Patrimonial	580
3.5.1.	Pirapetinga, Minas Gerais.....	580
3.5.2.	Santo Antônio de Pádua, Rio de Janeiro	582
3.5.3.	Aperibé, Rio de Janeiro	584
3.5.4.	Cantagalo, Rio de Janeiro	587
3.5.5.	Itaocara, Rio de Janeiro	591
4.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	594
5.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	600
6.	ANEXOS	603
6.1.	Planta Geral da UHE Itaocara I – Sítios Arqueológicos e AICs	603
6.2.	Plantas dos Sítios Arqueológicos.....	604
6.3.	Ortofotos com Sítios Arqueológicos	671
6.4.	Planta Geral da UHE Itaocara I – Intervenções realizadas e eliminadas	687
7.	FICHAS DE CADASTRO DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS	688

1. INTRODUÇÃO

O projeto de Projeto de Prospecção Arqueológica na Área de Influência da UHE Itacara I, Rio Paraíba do Sul, empreendimento do Consórcio UHE Itacara, obteve a permissão de pesquisa através da portaria IPHAN nº. 25, de 3 de agosto de 2011 (publicada no DOU de 5/8/2011) e tem por objetivo proteger e valorizar o Patrimônio Cultural eventualmente ameaçado pela construção desta usina hidrelétrica.

As pesquisas arqueológicas na área da UHE Itacara I se voltam, deste modo, para o conhecimento sistemático das áreas diretamente afetadas pelo empreendimento através da prospecção de superfície e subsuperfície, além do reconhecimento dos bens patrimoniais edificados e bens intangíveis relevantes para o diagnóstico da área.

Neste relatório são apresentados os resultados finais das atividades de campo e de educação patrimonial.

2. ASPECTOS METODOLÓGICOS

As pesquisas arqueológicas direcionadas para a implantação de empreendimentos de engenharia se baseiam em áreas aleatórias do ponto de vista da ocupação humana, envolvendo, no perímetro definido para a pesquisa, uma série de variáveis temporais e espaciais de diversas origens e caracterizações. Desta forma, em uma mesma área, diferentes épocas de ocupação, com características diferenciadas de apropriação do território se sucedem, estabelecendo-se uma complexidade para o estabelecimento dos critérios de análise dos locais de relevância arqueológica.

Para contrapor a esta complexidade a pesquisa se intensifica no reconhecimento de elementos relevantes do contexto histórico e de possíveis elementos pré-coloniais que possam ser associados à área de estudo. Assim, por meios comparativos e pela sistematização das intervenções, se busca uma varredura de caráter abrangente nas áreas afetadas, elencando-se elementos de avaliação a medida que o contato com a área e o estudo histórico aportem dados materializáveis sobre o processo de ocupação que ali se desenvolveu. Complementando essas informações, o registro dos aspectos hodiernos das áreas quanto a processos erosivos, a presença de áreas brejosas, as áreas cultivadas e a declividade do terreno, compõem a contextualização da área para que se possa avaliar as possibilidades de ocupação e a conservação de conjuntos de vestígios arqueológicos.

Na área de implantação da UHE Itaocara I, o recorte espacial utilizado na pesquisa arqueológica se baseou nas imagens produzidas pelo Consórcio da UHE Itaocara, compreendidas em ortofotos cujo georreferenciamento foi relevante para o estabelecimento dos locais de intervenção arqueológica. Com base neste mapeamento e seguindo o quadriculado, com divisões de 400 x 400 m (Fig. 2.1) estabelecido em cada ortofoto, cada um destes quadrados era tratado como uma unidade, denominada pela equipe de arqueologia como *quadrante*. Em cada um destes, foram estabelecidos os pontos de intervenção de 100 em 100 m.

A partir daí, eram distribuídos os pontos e verificadas, previamente, na imagem digital, as condições dos locais identificados pelas coordenadas e indicada a possibilidade de realização das intervenções, sendo eliminados os pontos associados a fortes declividades e presença de cursos ou corpos d'água. Em alguns casos, como a margem dos cursos d'água, eram estipulados pontos alternativos para evitar grandes lacunas na área prospectada.



Figura 2.1 – Exemplo de ortofoto com uma das áreas de 400 x 400 m destacada.

Com os pontos pré-determinados, a equipe se distribuía no campo para a execução dos pontos, sendo reavaliada no local a sua realização, de acordo com as características topográficas e a presença de áreas brejosas ou de afloramentos rochosos, por exemplo.

Nas intervenções as informações sobre o entorno da área e características da sedimentação no local eram registradas em ficha específica, associando-se o registro fotográfico das intervenções e de elementos relevantes para o estudo (edificações antigas, elementos da paisagem, áreas de cultivo, processos erosivos, etc.). O tipo de intervenção era resultante de uma interação entre a observação das imagens digitais e a feita no local, sendo definidas as aberturas de tradagens, sondagens ou sondagens com tradagem (Fig. 2.2).

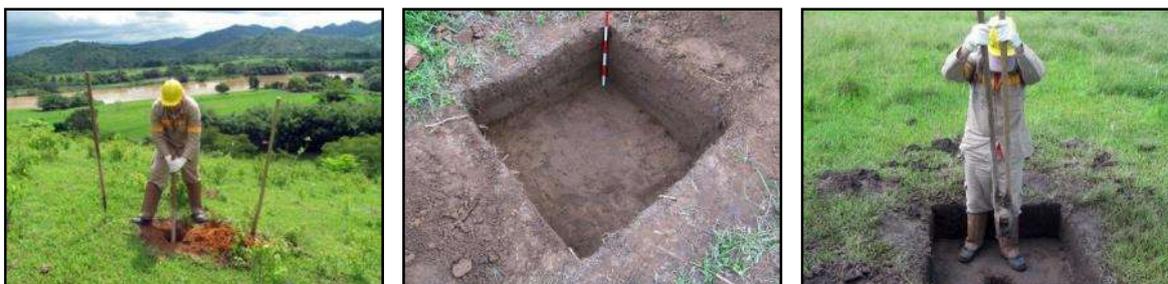


Figura 2.2 – Exemplos de tradagem, sondagem e sondagem com tradagem.

Após a abertura das intervenções, elas eram fechadas para evitar acidentes com pessoas ou com animais das propriedades da área de pesquisa (Fig. 2.3).



Figura 2.3 – Fechamento de sondagem.

Na pesquisa documental sobre o processo histórico de ocupação, as referências espaciais são de grande valor para a integração do conhecimento histórico com as evidências arqueológicas, constituindo-se um *feedback* constante entre as duas fontes de pesquisa.

Com relação ao processo de ocupação recente da área, que no estudo que se apresenta é considerado como o período que abrange, aproximadamente, os últimos 60 anos, a dinâmica de desmembramento das propriedades vem se delineando de modo a estabelecer a mobilidade dos núcleos familiares, proprietários das fazendas atuais, e correlacionar os vestígios mais recentes encontrados nas prospecções arqueológicas. Nesse processo, as entrevistas com os moradores das propriedades visitadas ao longo dos trabalhos de campo foram bastante relevantes para a pesquisa. Essas informações foram incorporadas para a interpretação das evidências materiais recentes e para a definição dos elementos apropriados pela população local para sua contextualização histórica.

3. RESULTADOS

As pesquisas realizadas no período deste relatório compreenderam o levantamento da documentação histórica da área e de aspectos dos municípios envolvidos na pesquisa, além das atividades de campo, que compreendem as prospecções arqueológicas e registro dos elementos culturais rurais e características da paisagem.

Para o início das prospecções a equipe de arqueologia deu prioridade a áreas a serem utilizadas na implantação das obras de engenharia, particularmente a do canteiro de obras, que abrange as duas margens do rio Paraíba do Sul, nas proximidades da área de barramento, conforme indicado pelo na planta do empreendimento (Anexo 6.1).

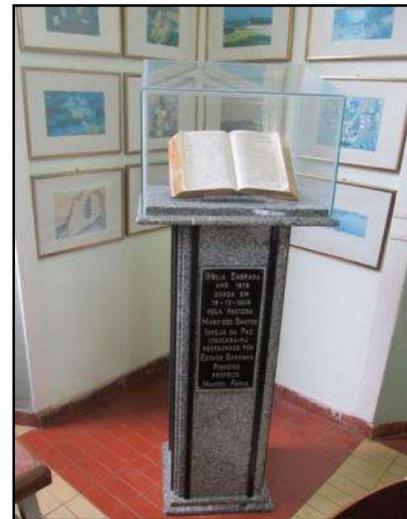
3.1 Pesquisa documental e de aspectos culturais dos municípios estudados

Na pesquisa documental, foram feitos levantamentos nas instituições municipais de Aperibé e Itaocara e em bibliotecas de instituições nas cidades do Rio de Janeiro (Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, IHGB; Biblioteca Nacional (Arquivo Digital), Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas / IFCS - UFRJ, Biblioteca Central do Museu Nacional / MN - UFRJ, Biblioteca do Programa de Pós-Graduação em Antropologia / PPGAS - UFRJ) e de Niterói (Universidade Federal Fluminense) para o aprofundamento sobre o processo histórico de ocupação da região onde se implantará o empreendimento. Os dados vêm sendo aplicados na identificação de fazendas antigas da região, associando-se, também, denominações das localidades relevantes que se comparam com os dados obtidos através de entrevistas com moradores da área para a identificação de locais importantes do ponto de vista histórico.

Com relação ao levantamento de elementos culturais dos municípios da área estudada, as atividades foram iniciadas nas sedes destes com o registro de locais relevantes para a caracterização do patrimônio cultural. Em Itaocara, destaca-se o Monumento a Matemática (Fig. 3.1.1) e, também, durante a pesquisa documental na Biblioteca da Câmara Municipal (Fig. 3.1.2) foi registrado um exemplar da Bíblia Sagrada publicada no século XIX (Fig. 3.1.3).



Figura 3.1.1 – “Monumento a Matemática”, Itaocara. Em detalhe, placa comemorativa.



Figuras 3.1.2 e 3.1.3 – Pesquisa na Biblioteca da Câmara Municipal de Itacara e exemplar da Bíblia publicada no século XIX.

Em Aperibé, a visita a Casa de Cultura, instalada em uma antiga estação ferroviária, denominada Chave de Faria, foram registrados diversos elementos culturais sobre os costumes e atividades econômicas da sociedade do município (Fig. 3.1.4 a 3.1.10). Os objetos doados são reveladores dos hábitos das famílias mais tradicionais da cidade e apontam para ocupações antigas a nível regional.

Na Casa de Cultura foram registradas também peças pré-coloniais encontradas no município próximo de São Fidélis-RJ (Fig. 3.1.5 e 3.1.6). Os tipos de louças existentes no local são similares aos dos fragmentos encontrados ao longo das prospecções arqueológicas (Fig. 3.1.7), assim como os objetos de ferro e cerâmica (Fig. 3.1.8). Alguns fragmentos de faianças apresentam marcas dos fabricantes ingleses, sendo cronologicamente associadas ao século XIX, como as que possuem as inscrições de J & G Meakin, Hanley e o estilo “Borrão” em louça do padrão *Chinoiserie*, comum ao longo deste mesmo século (Fig. 3.1.9 e 3.1.10). A marca de J & G Meakin seria proveniente de uma fábrica criada em 1845 em Staffordshire, Inglaterra, por James Meakin, ocorrendo sua transferência em 1848-50 para a localidade de Hanley, onde funciona até hoje. Nos pratos fotografados, a marca aparece de duas formas, sendo a primeira atribuída à última década do século XIX, enquanto a segunda, com o desenho do sol, seria utilizada a partir de 1912.¹

¹ Fonte: TAYLOR, 1992:260; <http://www.thepotteries.org> (consultado em 04/04/2012).



Figura 3.1.4 – Peças de moinho e engrenagens em exposição na Casa de Cultura em Aperibé-RJ.



Figuras 3.1.5 e 3.1.6 – Peças arqueológicas encontradas no município de São Fidélis-RJ e se encontram em exposição na Casa de Cultura em Aperibé-RJ.



Figura 3.1.7 – Prato em exposição na Casa de Cultura em Aperibé-RJ.



Figura 3.1.8 – Objetos de ferro e cerâmica em exposição na Casa de Cultura em Aperibé-RJ.



Figura 3. 1.9 – Marcas de fabricantes de louça *J & G Meakin Hanley*, em exposição na Casa de Cultura em Aperibé-RJ.



Figura 3.1.10 – Louça com marca de fabricante de louça em estilo ‘borrão’ que se encontra em exposição na Casa de Cultura em Aperibé-RJ.

3.2 Histórico de ocupação

Diante da importância da região, o interior fluminense possui poucas evidências arqueológicas registradas, especialmente nas proximidades do rio Paraíba do Sul.

Dentre os vestígios já estudados até o momento, têm-se como resultados mais consistentes os provenientes das pesquisas desenvolvidas nas décadas de 60 e 70 pelos pesquisadores do Instituto de Arqueologia Brasileira, IAB², que revelaram vários sítios, na maioria abrigos-sob-rocha, associados à ocupação de uma Tradição cultural³ anterior ao período de expansão Tupiguarani no Estado do Rio de Janeiro: a Tradição Una.

A ocorrência de sítios desta tradição se correlaciona, em termos gerais, com os dados disponíveis na literatura colonial, que descrevem esta área como um território dos índios Puri e Coroados.

No decorrer destas pesquisas, a equipe do IAB também localizou sítios atribuídos a Tradição Tupiguarani, sendo representados pelas fases Ipuca e Itaocara, a primeira reunindo traços associados pelos pesquisadores dos tipos cerâmicos da fase Mucuri, Tradição Una:

“No médio curso do Paraíba, a montante da área Mucuri, está situada a fase Itaocara, com ocupação que se estende até o início do alto curso daquele rio. Ainda no médio curso e se alongando em direção à foz do rio, atingindo ainda boa porção do seu afluente Muriaé, estabeleceu-se, mais recentemente, a fase Ipuca, com contatos marcantes com a fase Mucuri. É interessante notarmos que se não podemos observar traços deste contato na fase Itaocara, eles se materializam na morfologia cerâmica da fase Ipuca, demonstrando a existência de um processo de aculturação, que muito provavelmente foi prolongado, entre grupos pertencentes a Tradições culturais ceramistas diferenciadas.” (DIAS JÚNIOR & CARVALHO, 1980:57).

Em período mais recente, as pesquisas realizadas pela equipe do MAEA-UFJF, a partir do ano 2000, vêm revelando diversos sítios da região da Zona da Mata Mineira, na sua maioria filiados as ocupações Tupiguarani⁴. Nos resultados da equipe é apresentado um conjunto bastante rico de evidências, consequência de levantamentos sistemáticos e técnicas complementares de análise, evidenciando-se o reconhecimento de sítios e sua caracterização de maneira eficaz.

No ano de 2005, as pesquisas arqueológicas realizadas na área de implantação da PCH Santa Fé⁵ resultaram no achado de um sítio arqueológico, o sítio Vicentino, cujas características se relacionavam as das pesquisas precedentes, conforme foi verificado no aprofundamento dos estudos sobre o sítio, nos trabalhos de resgate.

Tanto neste último caso como na área pesquisada na Zona da Mata Mineira, os sítios Tupiguarani encontrados se localizam em uma mesma compartimentação topográfica e próximos a grandes cursos d'água navegáveis, como os rios Paraíba do Sul, Paraibuna, Novo, Peixe, Pomba, Muriaé, entre outros. Essa situação geográfica demonstra certa regularidade na forma de ocupação dos sítios Tupiguarani, situação que se repete com os materiais coletados, que também guardam similaridades entre si.

As características principais do conjunto de sítios é a decoração dos vasilhames, com maior incidência da plástica (corrugado, ungulado, estocado, estriado, acanalado, entre outros; Fig. 3.2.1) em relação a pintada, em geral nas cores vermelha e branca (Fig. 3.2.2). A presença de materiais líticos lascados e polidos também é registrada. Peças como os calibradores são comuns tendo como matéria-prima o quartzito e também a cerâmica. Dos materiais diferenciados que podem ser citados,

² DIAS JÚNIOR e CARVALHO, 1980.

³ Grupos de elementos ou técnicas, com persistência temporal (PRONAPA, 76). Uma sequência de estilos ou de culturas que se desenvolvem no tempo, partindo um dos outros, e formam uma continuidade cronológica. MENDONÇA DE SOUZA, 1997: 124.

⁴ OLIVEIRA, A. P. de P. L. de, 2006; 2004; 2003; OLIVEIRA, J.C. I. de, 2007.

⁵ ZARONI, 2005.

há o registro de uma peça em cerâmica com uma forma similar a cabeça de um animal e uma conta de vidro, associada ao período colonial (sítio Emílio Barão).

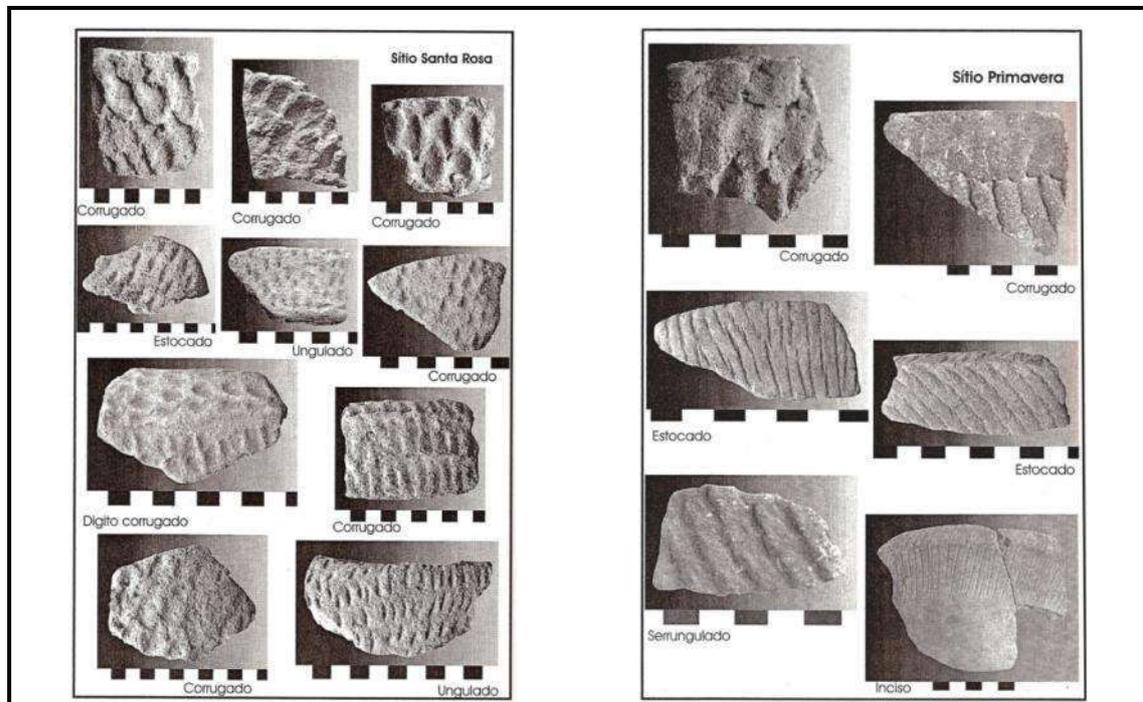


Figura 3.2.1 – Tipos de decoração plástica encontrada nos sítios da Zona da Mata Mineira: sítios Santa Rosa e Primavera. Fonte: OLIVEIRA, 2006: 152 e 154, respectivamente.

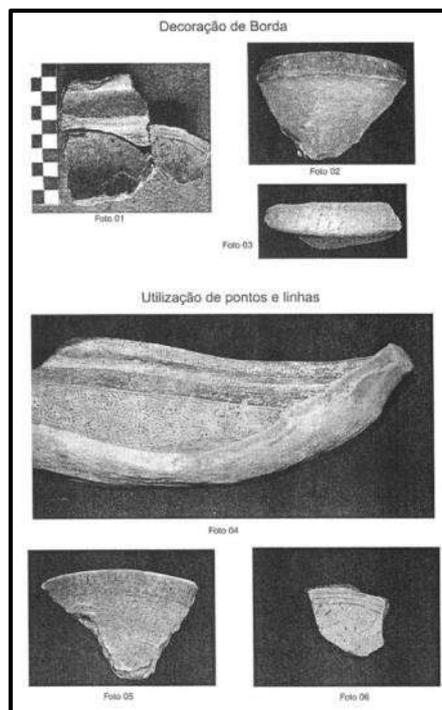


Figura 3.2.2 – Tipos de decoração pintada encontrada nos sítios da Zona da Mata Mineira. Fonte: OLIVEIRA, 2006: 166.

Nas informações documentais sobre a ocupação indígena da região estudada do interior fluminense, os relatos indicam uma predominância de falantes Jê que contrasta com o domínio litorâneo de grupos Tupi-guarani.

Segundo FREIRE e MALHEIROS, as áreas entre as Serra do Mar e Mantiqueira seriam prováveis locais de ocupação de índios de matriz Puri e Coroados, Botocudos e Maxacali (vinculadas ao tronco Macro-Jê⁶), dividida em diversas variações linguísticas.

Destacando-se as relacionadas a área de pesquisa, associadas aos Puris e Coroados, compreende-se os grupos Telikong ou Paqui, que teriam ocupado os vales do Itabapoana e Médio Paraíba e também as serras da Mantiqueira e das Frecheiras, entre os rios Pomba e Muriaé; os Coroados, situados em regiões da Serra do Mar e nos vales dos rios Paraíba, Pomba e Preto, subdivididos em vários grupos entre os quais, Maritong, Cobanipaque, Tamprum e Sasaricon; os Coropó, com relatos de sua presença no rio Pomba e na margem sul do Alto Paraíba; os Bocayú, nos rios Preto e Pomba; e os Sacaru e Paraíba, no Médio Paraíba.⁷

No avançar da colonização, muitos naturalistas europeus que passaram pela região no século XIX, fase em que o contato com esses grupos indígenas se intensificou, se interessaram em estudar as tribos que povoavam o interior fluminense e o sul de Minas Gerais, representando os índios Coroados, Puri e Botocudo (Fig. 3.2.3 a 3.2.5).

Além de descrições detalhadas sobre a fauna e a flora da região, os estudiosos produziram relatos sobre os povos aldeados e fizeram observações sobre seus hábitos alimentares, a caça, a pesca, a plantação de alguns gêneros alimentícios, os instrumentos, os adornos, suas fisionomias, etc. Todavia, as descrições limitavam-se às características físicas e a produção material dos grupos humanos, raramente incluindo às particularidades étnicas destes (que os diferenciariam entre si, ou seja, quais deles seriam pertencentes a tradições similares ou distintas entre si).



Figura 3.2.3 – Aldeia de um grupo Coroados.⁸

⁶ RODRIGUES, 1986.

⁷ FREIRE & MALHEIROS, 2010.

⁸ Autor: Jos Paringer. Data: 1823-31. Fonte: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon1250074/icon1250074_12.jpg

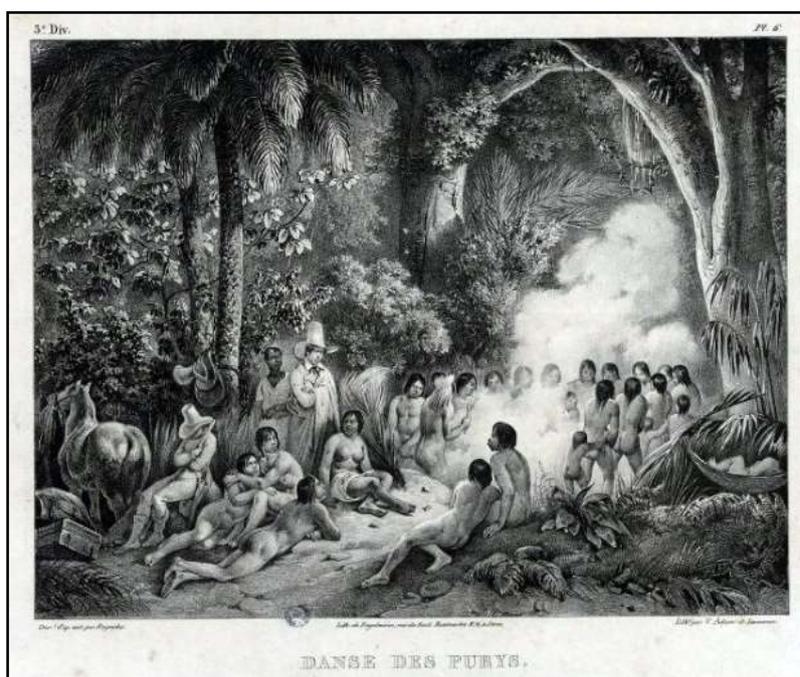


Figura 3.2.4 – Ilustração “Dança dos Puri.”⁹

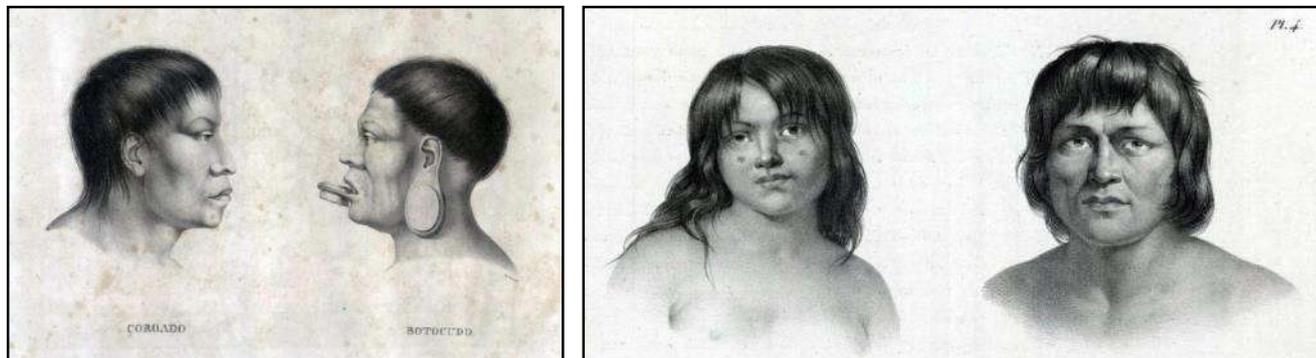


Figura 3.2.5 – Ilustrações de grupos indígenas: Coroado, Botocudo¹⁰ e Puri.¹¹

Nos estudos do MAEA – UFJF sobre a etno-história relativa a Zona da Mata Mineira¹², coordenados por Ana Paula de Paula Loures de Oliveira, buscou-se delimitar as características dos grupos indígenas desta região antes da chegada dos colonizadores. Partindo de evidências arqueológicas foram feitas comparações das descrições produzidas por Spix e Martius, Debret, Eschwege, Freyreys e Wied-Neuwied (que informam sobre os povos indígenas existentes na primeira metade do século XIX na região, as imagens produzidas por De Ehrenreich, Burmeister, Peter Lund e Noronha de Torreção (relatos da segunda metade do século XIX), e as de Ploetz e Métraux e Loukotka (do começo do século XX). Nas referências etnográficas levantadas é indicada a presença de três grupos étnicos diferenciados, cada um deles divididos em diversas famílias: os Coroado

⁹ Ilustrações do livro de Johan Moritz Rugendas. Data: 1835. Fonte: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon94994/icon94994_130.jpg

¹⁰ Autor Philipp Schmid. Data: 1823-31. Fonte: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon1250074/icon1250074_11.jpg

¹¹ Ilustrações do livro de Johan Moritz Rugendas. Data: 1835. Fonte: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon94994_item1/P123.html

¹² OLIVEIRA, 2003.

(Croatos), Coropó (Cropó) e Puri, que se assentavam nas margens dos rios Pomba, Paraíba do Sul, Muriaé e Xipotó. Com base em seus estudos, OLIVEIRA¹³ descreve estes três grupos como descendentes do povo Goitacá, que migraram para o interior fluminense com o decorrer da invasão europeia. Os Coropó deslocaram-se primeiro, fixando-se no Vale do Rio Pomba, e mais tarde viriam os Puri e Coroado (tidos como grupos guerreiros e que eram inimigos entre si), que ocupariam o Vale do Rio Paraíba.

Para a associação entre a dispersão desses grupos e os sítios arqueológicos ainda existem muitas lacunas e os poucos estudos arqueológicos realizados no interior fluminense, baseando-se em tradições culturais, são de difícil associação com os povos relatados pelos cronistas.

Na região estudada, as duas tradições dominantes são a Una, Fase¹⁴ Mucuri, e a Tupiguarani, Fase Itaocara.¹⁵

O contato entre estas duas tradições culturais teria influenciado na caracterização dos índios Coroado, segundo alguns autores:

“É provável que tenha existido pontos de contato nas serras mineira e fluminense entre as duas tradições, a Una e a Tupiguarani, e que tenham se materializado em épocas mais recentes junto aos Coroado. Esta constatação levou os mencionados autores a acreditarem que os Coroado, identificados historicamente com os Puri, tenham relações estreitas com a fase arqueológica Ipuca, da Tradição Tupiguarani, mesmo que apresentando traços provenientes da Tradição Una, local.”¹⁶

Essa aproximação cultural também é apontada por FREIRE & MALHEIROS:

“No entanto, os Coroado eram, dos três¹⁷, os que mais se ocupavam de tarefas agrícolas, dominavam técnicas mais elaboradas de cozinha, e eram considerados bons oleiros e ceramistas. Fabricavam potes, cântaros, jarros, gamelas, alguidares, utensílios como peneiras de vime, cestas de palhas de várias formas e tamanhos, semelhantes às fabricadas pelos Tupi e cuias.”¹⁸

Com o avanço da colonização o contato com esses indígenas se daria ao longo do século XVIII, quando foram feitas incursões no território denominado “Certão ocupado por índios brabos”, conforme indicado em mapas do período (Fig. 3.2.6). Essas áreas, extremamente hostis do ponto de vista das lideranças de colonizadores portugueses, representavam uma barreira para a ocupação e também se inseria entre os territórios proibidos estabelecidos pela Coroa Portuguesa, conforme indicado por Erthal, citado por MALHEIROS:

“Segundo Erthal, a região fluminense denominada ‘Certão dos Índios brabos’ encontrava-se entre as chamadas áreas proibidas pelas cartas régias que objetivavam coibir o contrabando aurífero. Apenas em 1763 - no contexto do declínio da mineração em Minas Gerais – foi emitida a primeira permissão oficial para a entrada nesta região, também conhecida como ‘Sertões do Macacu’.” (2008:31)

A manutenção do isolamento desta região era favorável a Coroa Portuguesa, pois, no auge da exploração aurífera em Minas Gerais, esta situação propiciava uma segurança de que o acesso as Minas se daria pelos caminhos oficiais, que eram fiscalizados.

¹³ Idem, 2003.

¹⁴ “Qualquer complexo de cerâmica, lítico, padrões de habitação, etc., relacionado no tempo e no espaço, num ou mais sítios (PRONAPA, 76)”. MENDONÇA DE SOUZA, 1997:55.

¹⁵ DIAS JÚNIOR e CARVALHO, 1980.

¹⁶ OLIVEIRA, 2003.

¹⁷ Puri, Coroado e Coropó.

¹⁸ FREIRE & MALHEIROS, 2010.

A abertura do principal desses caminhos, o Caminho Novo¹⁹, foi favorecida pelo avanço na exploração das riquezas descobertas em Minas Gerais, que se daria nos primeiros anos do século XVIII. Sob responsabilidade de Garcia Rodrigues Paes Leme, filho de bandeirantes, a abertura desta estrada favoreceu a interiorização dos colonizadores e serviria para ligar o Rio de Janeiro a Minas Gerais por um caminho mais curto e controlado, viabilizando a circulação comercial e o escoamento de ouro e diamante para o porto do Rio de Janeiro, de onde seguiria para o Reino Português. A abertura deste caminho marcou o início do processo de ocupação colonial e descaracterização das ocupações indígenas, fruto da estratégia polivalente da Coroa Portuguesa, que incluía o desenvolvimento da produção de recursos primários, o extrativismo mineral, a povoação do território, a criação de uma “válvula de escape” para a Inquisição (local de apenamento e emigração de pagãos), a expansão da fé católica e o enquadramento dos nativos (pela escravização, catequização ou ataque), entre outras medidas de domínio da colônia.



Figura 3.2.6 – Recorte da Carta topográfica do Rio de Janeiro com indicação do “Certão ocupado por Índios brabos”. A área a esquerda desta citação, mais densamente ocupada, corresponde ao traçado do Caminho Novo. Autor: Manoel Vieira Leão, 1767.²⁰

A cidade do Rio de Janeiro passou a ser local de passagem obrigatória de pessoas e mercadorias e essa situação propiciou o incremento de atividades econômicas e crescimento populacional, com o surgimento de muitas vilas e povoados: em 50 anos a região atraiu cerca de um milhão de portugueses.

Muitas terras foram cedidas para a nobreza que aceitava participar do processo de interiorização da colônia, estabelecendo-se principalmente nas margens das estradas que eram abertas. Era positiva para a Coroa a ocupação destas áreas, pois em muitas delas se erigiam registros de fiscalização do ouro e a tributação do quinto, garantindo o controle da extração de minerais.

A medida que as atividades de mineração se intensificaram, e, conseqüentemente, houve o enriquecimento dos proprietários de terra, multiplicam-se os campos de atuação da economia local.

¹⁹ Inicialmente o caminho do ouro extraído nas Minas Gerais era escoado por Parati, mas por ser muito longo este logo se tornou insatisfatório e, em 1725, foi concluído o Caminho Novo de Garcia Rodrigues Paes. O caminho por Parati seria então conhecido como Caminho Velho.

²⁰ Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Nova Iguaçu. Documento: MP-013.

Nesta mesma medida, elevou-se o número de imigrantes, atraídos pelas oportunidades (ou ilusões) de enriquecimento, dentre eles pastores, agricultores, comerciantes, tropeiros, etc. Para o abastecimento local algumas fazendas especializaram-se na produção de cana-de-açúcar, algodão, laticínios ou pequenas criações bovinas.

Com o declínio da exploração das riquezas mineiras, as atividades no interior da colônia se adaptariam a novas configurações econômicas. Alguns fatores externos, como o colapso na produção do Haiti, iriam dar novo impulso à economia canavieira no Rio de Janeiro, especialmente em algumas áreas em que este foi favorecido pela boa produtividade do solo, como foi o caso da Baixada Campista. A demanda pelo açúcar havia aumentado em função do desenvolvimento de alguns países europeus e do crescimento populacional, favorecido pela a Revolução Industrial.

Alguns locais do interior fluminense também usufruíram deste crescimento econômico, especialmente aqueles situados ao longo dos caminhos já estabelecidos e que haviam desenvolvido uma estrutura de sustentação para os núcleos coloniais, pois se destacavam como fornecedores de produtos de subsistência e fortaleciam o mercado interno da colônia. Durante o ciclo de exploração do ouro e diamantes em Minas Gerais, algumas vilas já haviam adquirido importância neste papel.

“Mesmo findo o rush mineiro, a região de Minas Gerais possuía uma vasta população, livre e escrava, e uma rede de comercialização e distribuição de produtos, os tropeiros, bastante ampla, que soube aproveitar, convertendo-se em um amplo campo de produção de alimentos, dessa vez para o abastecimento do Rio de Janeiro, já no alvorecer do século XIX.” (SILVA, 1990: 87).

No noroeste fluminense, a ocupação, que se daria em período posterior ao auge da exploração mineradora em Minas Gerais, estaria associada a levas de colonizadores oriundos de Campos e também da região mineira, estendendo suas atividades para algumas localidades onde foram exploradas riquezas minerais, mas que seriam suplantadas pela riqueza da mata atlântica relacionada a extração de madeiras.

A potencialidade da região para as práticas agropecuárias também seria destacada pelos religiosos que travaram contato com os índios Puri e Coroadó, com a concepção de estabelecer a paz com esses grupos e lhes trazer a civilização.

Entre os séculos XVIII e XIX foram estabelecidos aldeamentos para concentrar esses povos e proceder a sua catequese. Os governantes da província concederam terras para a instalação de várias aldeias nas proximidades do rio Paraíba do Sul. A primeira no noroeste fluminense seria a de São Fidélis de Sigmaringa, em 1781, local de acesso fácil através da navegação desde Campos dos Goytacazes.

A partir de São Fidélis se almejava a interiorização e a catequese das diversas tribos que ocupavam as margens dos rios Paraíba do Sul e Pomba. Os padres capuchinhos italianos se dedicaram a esta tarefa, estabelecendo ainda outros aldeamentos, como de São José de Leonissa da Aldeia da Pedra, que deu origem a Itaocara, o de Santo Antônio de Pádua, núcleo do atual município homônimo, e o de Santa Rita, em terras do atual município de Cantagalo (Fig. 3.2.7).

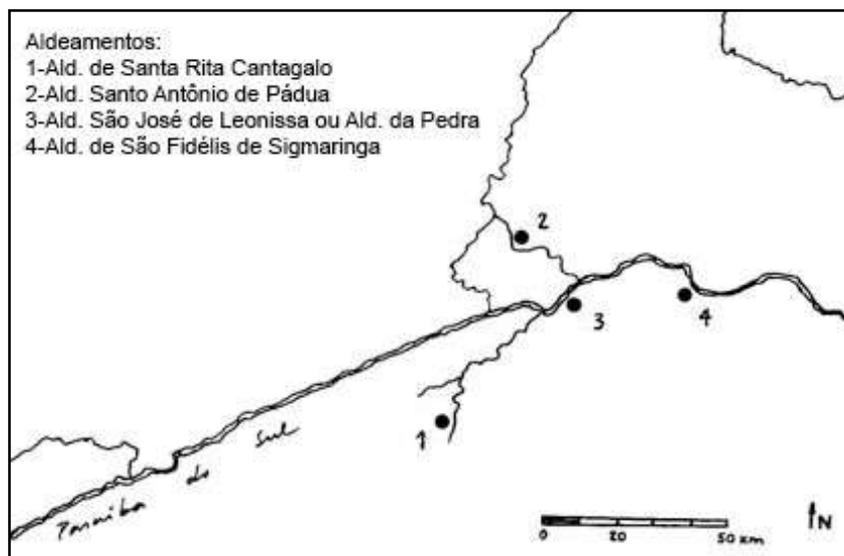


Figura 3.2.7 – Adaptação do mapa de Aldeamentos do Rio de Janeiro.²¹

Estabelecido em 1808 e tendo como responsável o frei Tomás de Civita Castello, o aldeamento de São José de Leonissa da Aldeia da Pedra reuniu, em sua maioria, índios Coropó e Coroado, que tiveram forte influência na sua localização, pois já se encontravam estabelecidos nas suas cercanias. Conforme descrição de MALHEIROS:

“O estabelecimento de frei Tomás nesta região foi intermediado por um ‘capitão’ indígena, a quem ele batizou com o nome cristão de José da Silva. Assim, a Aldeia da Pedra, tal qual São Fidélis, foi fundada em terras indígenas, em região de rarefeita presença de não índios e a partir do diálogo com uma liderança indígena que, como vimos anteriormente, impunha como condição para a criação do aldeamento que o padre não levasse para lá ‘portugueses’, ‘por medo que [estes] repartissem suas terras. O documento também demonstra que o local escolhido para o novo aldeamento atendeu a vontade dos ‘velhos’. Ainda que o aldeamento tenha sido estabelecido em uma das várias ‘aldeiazinhas’ desta região, considerada pelo missionário como a mais aprazível’ e ‘central’, a escolha do local, como vimos, buscou atender algumas das imposições dos grupos indígenas locais, como a vontade dos ‘velhos’, que não queriam largar suas antigas moradas, deslocando-se, como era da vontade dos missionários, para a Aldeia de São Fidélis.” (2008:247)

É relevante outra informação registrada pela mesma autora sobre a existência dessas “aldeiazinhas” de que a “(...) Aldeia da Pedra foi fundada, ao que parece, no local indicado como ‘Aldeia dos Coroados’” (MALHEIROS, 2008:248), reforçando a presença deste grupo indígena na formação do aldeamento.

Outro relato relevante para a história da Aldeia da Pedra e que se insere na área de pesquisa é de que um grupo de índios tenha sido levado para a área de Palmital, em 1817, por intermédio de um mestiço, identificado como o crioulo Patrício José de Sant’ana (VIEGAS, 2000; MALHEIROS, 2008).

MALHEIROS, em uma citação de frei Tomás, fornece mais detalhes sobre esta situação, que seriam do grupo Coropó:

“Frei Tomás registra que ‘os índios da nação Coropó’, chegados a Aldeia de Itaocara, em 1817, por intermédio do ‘crioulo’ Patrício:

²¹ Fonte: FRIDMAN, 2008. Página: http://www.cerescaico.ufrn.br/mneme/anais/st_trab_pdf/pdf_8/fania_st8.pdf (consulta em 23/2/2012).

‘(...) pediram-me que eu lhes desse um lugar para morada, e eu vendo que eles não se uniam com os índios desta aldeia da nação Coroados determinei ao dito Patrício que fosse arranjar-se em uma paragem chamada Palmital, distante das terras desta aldeia duas léguas; e lá foram com o seu cacique chamado Feliciano, índio de madura idade com mulher e filhos; trabalharam nas ditas terras, estão fazendo as suas choupanas e vivem pacificamente lá. Eu, de tempos em tempos, os vou visitar, ensinando-lhes os sacramentos de que necessitam. O tal Patrício estabeleceu-se também perto deles, começando a fazer uma fazenda, na qual pretende estabelecer-se.’²²

Os índios Puri, para os quais teria sido criado o aldeamento de Santo Antônio de Pádua em 1833, tendo a frente de sua catequese o frei Flórido de Cittá de Castello²³, eram mais arredios e inimigos dos Coroados. Nas fontes históricas é comum haver citações sobre sua resistência a serem aldeados, e de estarem distribuídos por toda a região. Buscando uma localização mais precisa, há referências de sua maior concentração, no que se refere a pesquisa da área de influência da UHE Itaocara I, na margem esquerda do rio Paraíba do Sul e em ambas as margens do rio Pomba. Essa localização nas margens do rio Paraíba poderia estar associada ao período posterior a instalação das aldeias, pois, sobre sua localização a época do contato para seu aldeamento, VASCONCELOS registra que,

“As estimativas da época indicam que a população puri contava com aproximadamente 1.500 indígenas habitando as matas da serra das Frecheiras, entre os rios Pomba e Muriaé nos primeiros anos do século XIX. Os puris desenvolviam uma agricultura de subsistência em roçados comunitários, plantando, por exemplo, milho, abóbora, banana e pescando, caçando e coletando frutos silvestres.” (2005:47)

Segundo VIÉGAS²⁴, os Puri também seriam encontrados no entorno da Aldeia da Pedra em Laranjais, alcançando as margens do Ribeirão Areias. Nas localidades de Aperibé e Funil teriam existido antigos assentamentos destes indígenas.

As diferenças nas descrições são comuns nas fontes, incluindo também as que tratam das características físicas e animosidade dos grupos indígenas em relação a outros grupos e aos próprios colonizadores, havendo referência a presença de índios Puri nos aldeamentos de Aldeia da Pedra e de São Fidélis, integrados aos Coroados, além de citações de sua interação com fazendeiros da região, com os quais prestavam serviços ligados a extração de madeira e coleta de plantas, como a poaia.²⁵

A presença indígena na região era diversificada, influenciada pela colonização de suas áreas de entorno, na região de mineração em Minas Gerais e a ocupação litorânea pelos colonizadores portugueses. Com a pressão que esses dois núcleos coloniais exerciam sobre os povos indígenas, estes acabam se deslocando para o sertão. Ali chegando, porém, se deparavam com outras tribos, gerando conflitos entre as diversas etnias. Estas novas configurações territoriais, conseqüentemente, se refletem nos registros históricos que apontam para a presença de grupos Coroados, Coropó, Puri e Botocudo, entre outros, nos limites do Rio de Janeiro com o Estado de Minas Gerais, os quais são relatados pelos cronistas em diferentes configurações territoriais e, por vezes, compartilhando uma mesma área, o que se intensificou, é claro, com o processo de instalação dos aldeamentos.

²² MALHEIROS, 2008: 305.

²³ Apesar da atuação destacada do frei Flórido, a historiografia aponta a fundação do aldeamento no início do século XVIII e que no início do século seguinte o padre Antônio Martins Vieira teria reunido um grupo de indígenas em torno de uma capela (MALHEIROS, 2008: 199).

²⁴ (2000:22).

²⁵ Segundo CORRÊA, é uma “planta medicinal denominada *Cephaelis ipecacuanha*, ou poaia. Também denominado ipeca, este arbusto de pequeno porte que crescia no interior de florestas úmidas e sombreadas se tornou largamente conhecido no Brasil e na Europa pelas propriedades fitoterápicas que apresentava. Sua utilização era recomendada em casos de diarreias, bem como para induzir ao vômito.” (2009:1).

Dessa forma, na história dos municípios do noroeste fluminense a indicação da presença dos grupos Puri e Coroadó é comum, com distinções relatadas entre os grupos que por vezes se opõem, conforme apontado por MALHEIROS:

“Assim, quando os últimos aldeamentos indígenas oficiais foram fundados no hoje denominado Estado do Rio de Janeiro, entre 1781 e 1833, a situação dos grupos indígenas era bastante heterogênea e complexa. Segundo a documentação oficial, havia índios habitantes de áreas de antigos aldeamentos, erigidos desde o século XVI, além de grupos indígenas caracterizados como selvagens e/ou isolados, vivendo em áreas onde a expansão colonizadora ainda não havia sido consolidada. Havia também notícias sobre ‘índios urbanos’ ou ‘destribalizados’, vivendo como prestadores de serviços públicos e privados, inclusive na cidade do Rio de Janeiro. Refugiados nos ‘sertões’ a exemplo dos chamados Saruçu/Sacaru, que haviam vivido nos Aldeamentos de N. Senhora das Neves e de sacra Família de Ipuca, assim como os chamados Coroadó, alguns dos quais haviam vivenciado experiências de catequese e/ou aldeamento na região de Campos dos Goytacazes – e Minas Gerais – a cargo de religiosos regulares e seculares.”(2008:166)

Nesse contexto de ocupação surgiram os núcleos históricos da área de estudo, que se consolidaram através dos acessos das diversas frentes de colonização. Denota-se em um mapa de 1839, essa influência através das estradas e caminhos existentes: um caminho que interligava a região de Minas Gerais a de Cantagalo, através de Itaocara, pode ser visto (linha tracejada) se encontrava, na localidade da atual Itaocara, com as estradas que integravam Campos, São Fidélis, Aldeia da Pedra e Cantagalo (Fig. 3.2.8). Esta integração seria coerente com as origens da colonização da região pelos principais núcleos coloniais: Campos e Cantagalo, sendo também importantes as vias de penetração dos colonos de Minas Gerais após o declínio da exploração aurífera na região. A nova riqueza que despontava era a do ouro negro, o café.

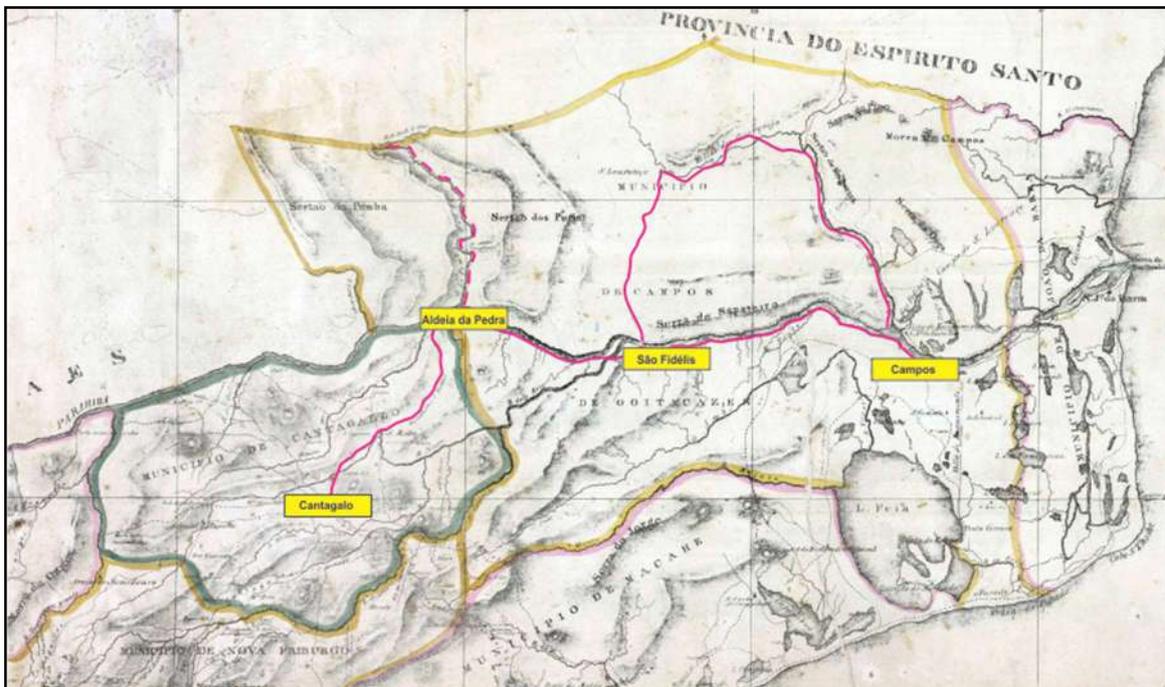


Figura 3.2.8 – Estradas e caminhos relevantes da área de estudo com base na Carta Corographica da Província do Rio de Janeiro (Data: 1839). Linhas cheias e tracejadas representam estradas e caminhos.²⁶

A existência dessa estrada é relatada por BUSTAMANTE, indicando documentos existentes em Minas Gerais, na antiga localidade de Presídio, atual Visconde de Rio Branco:

“Há muito, ouvimos falar numa estrada antiquíssima (o caminho das Minas), que vindo da província de Minas Gerais, ia ter aos Campos dos Goitacases; (...)’Nesse sentido escreveu em 19 de junho de 1826 ao Capitão Comandante do Distrito do Presídio – João dos Santos França Gatto’.

‘Ao mesmo tempo que S.M.I. para o bem de seu povo o Manda **concertar e reabrir**²⁷ a Estrada de Minas aos Campos dos Goytacazes, pelos soldados do meu comando, tornar-se hia inútil este serviço se os que tem propriedades na dita Estrada, não compozessem as suas respectivas Testadas e Pontes: por esta causa peço a V.M. a bem do Imperial Serviço, notifique a todos os moradores do seu Distrito para que assim o hajão de praticar, notavelmente na Testada de João Antônio, no Aldeado de Morro e fazer ponte nova no seu Ribeirão, e os donos da Serra de S. Geraldo que devem fazer estivas seguras, nos logares dos Calderoens antigos existentes.’

‘O seu traçado era o seguinte: Presídio (hoje Rio Branco), Aldeia de Morro Grande, Sapé, Quartel do Guidowald, Fazenda da Onça, Meia Pataca (Cataguazes), Patrocinio (zona rural), Palma (Cativara), Registro da Barra do Pomba e Campos.” (1971:65-66)

Nessa época o plantio do café estava em plena expansão no Rio de Janeiro. Este cultivo, que já dava bons resultados no sul fluminense, espalhou-se, atingindo vasto território até as localidades de Cantagalo e São Fidélis. Nesta última, compartilharia o espaço com o plantio de açúcar e a criação de gado.

²⁶ Carta corográfica da província do Rio de Janeiro, segundo os reconhecimentos feitos pelos diretores e chefes das seções da Diretoria de Obras Públicas, Coronel Conrado Jacob de Niemeyer; Major Henrique Luís de Niemeyer Bellegarde; Júlio Frederico Koeler; Carlos Rivierre, contendo os trabalhos hidrográficos e topográficos do Almirante Roussin, do Marechal Miranda e Brito; Brigadeiro Xavier de Brito; Tenente General Couto Reis; Marechais de Andrea e Cerdeiro, coordenada e desenvolvida pelo engenheiro Pedro Taulois. ESC. 1:400.000 [RJ] 1839 – Diretoria das Obras Públicas. Fonte: Acervo do Arquivo Nacional.

²⁷ Importante ressaltar que no documento se fala em *concertar e reabrir* [grifo nosso] demonstrando que a estrada era anterior a 1826.

O desenvolvimento econômico que seria impulsionado pelo café no início do século XIX por sua vez, seria acompanhado por outros importantes acontecimentos que transformariam a colônia portuguesa, atingindo de maneira significativa a província fluminense. Em 1808, a vinda da família portuguesa para o Brasil e abertura dos portos ao comércio tornariam o Rio de Janeiro a porta de entrada para diversos produtos manufaturados e dinamizariam suas atividades comerciais. Ao longo do Caminho Novo foram concedidas terras, sendo muitas ocupadas por antigos mineradores.

Ressalta-se que a administração da região de Itaocara fazia parte de São Fidélis e Campos. No ano de 1812 o território passou a Cantagalo, mas por pouco tempo, pois logo retornou a fazer parte do Distrito de Campos, o que não diminui a influência que a região de Cantagalo teria no processo de ocupação da região noroeste do Rio de Janeiro.

O desenvolvimento da cultura cafeeira criou uma demanda de mão-de-obra, o que, conseqüentemente, movimentou economia ligada à compra e venda de escravos, trazidos do continente africano. Um grande fazendeiro foi o Barão de Nova Friburgo, que teve propriedades que se avizinhavam da Aldeia da Pedra, trazendo escravos do Ceará e que eram vendidos a fazendeiros de Cantagalo e Juiz de Fora (SCÍNIO, 1990:165).

Ao longo do século XIX, a cafeicultura impulsionou a ocupação do Médio Paraíba e de trechos serranos, englobando as áreas de Santo Antônio de Pádua e Cantagalo, além de muitas vilas e povoados. A partir de 1840, as regiões norte e centro-leste teriam um impulso na expansão da produção, associada ao cultivo de abastecimento.

Por outro lado, a produção de café na região desenvolvia-se com um baixo nível tecnológico e quando os solos se desgastavam, novas matas eram derrubadas para se manter a produção. Sem investir na manutenção dos solos e priorizando o café, os fazendeiros acabaram por deixar de lado a produção de alimentos, dificultando a manutenção da própria população que atuava na economia cafeeira.

Na descrição do sistema utilizado no plantio do café, VASCONCELOS, revela uma situação que se estendia pelas margens do rio Paraíba e de seus afluentes, com o rio Pomba:

“A ocupação das terras do vale do Paraíba e das regiões adjacentes pelo café não atendeu a nenhum tipo de planejamento, de forma que a floresta foi abatida sem que se tomasse em conta a necessidade de áreas preservadas, inclusive para manutenção das próprias condições climáticas necessárias ao cultivo do café. O que se deu foi um desflorestamento a esmo, transformando a região em um imenso tabuleiro de xadrez onde as faixas descontínuas, ora tomadas pela mata, ora pelos cafezais, estendiam-se lado a lado. O próprio manejo do café na região não atendeu a condições mínimas para uma maior produtividade. De forma que o café, de todo modo, estava destinado a uma existência curta no vale do rio Pomba.” (2005:40)

Os grupos indígenas sofriam então uma forte pressão sobre suas terras e sobre sua cultura. Os documentos da época revelam uma denominação única quando estes eram citados, desaparecendo as referências aos grupos étnicos anteriormente relatados, utilizando-se apenas o termo índio para identificá-los. Um exemplo deste processo é citado por VASCONCELOS:

“O batismo do primeiro puri foi realizado em 1822. Nos 70 anos que se seguiram, os puris passaram por um processo de destrabalização, miscigenação e perda progressiva de identidade até desaparecerem completamente. A última puri, Joaquina Maria, morreu em 1902, aos 90 anos.” (2005:48)

Da mesma forma, a presença escrava é relatada precariamente. Ainda que a importância desta parcela da população tenha sido fundamental no desenvolvimento destas áreas cafeeiras, as descrições de suas características não acompanham sua importância.

A mesma autora, em seu histórico sobre Santo Antônio de Pádua, afirma:

“A escravidão é uma marca indelével na cultura brasileira, na existência social e psicológica do nosso povo. A escravidão, tanto indígena quanto negra, é tema escasso na obra de Bustamante. No entanto, é certo que já havia população escrava por ocasião da fundação do arraial. O mesmo arquivo paroquial que revelou os batismos indígenas aponta o batizado de negros escravos.”²⁸

Por outro lado, a atuação dos escravos em grupos musicais foi buscada, conforme indicado ainda por VASCONCELOS, relatando o interesse dos senhores escravocratas em criar bandas e corais em que estes se integravam:

“Tais conjuntos apresentavam-se na fazenda e, principalmente, nas festas religiosas. Algumas dessas bandas alcançaram tradição, deram origem a outras que se mantêm até os presentes dias em atividade (...). Em Santo Antônio de Pádua, esse é o caso da Lyra de Arion, por exemplo. Esses grupos musicais com elementos selecionados da escravatura, tendo a música como sua principal atividade, já são encontrados mesmo quando Pádua era apenas uma freguesia.” (2005:50)

A presença escrava permaneceu através de outras manifestações com o Jongo ou Caxambu, praticado em Santo Antônio de Pádua e que foi inventariado pelo IPHAN em 2005 e incluído no registro do patrimônio cultural do Brasil²⁹. Sua importância na formação das sociedades do Vale do Paraíba é ressaltada por MONTEIRO:

“Nos terreiros das fazendas de café do Vale do Paraíba, de acordo com relatos de viajantes e de historiadores que remontam ao século XIX, os jongos eram cantados e dançados, ao ritmo da percussão do tambor grande e do candongueiro, e cumpriam várias funções: diversão, desafio, reverência aos ancestrais, religiosidade, comunicação, crônica do cotidiano, etc.”(2011:3)

O desenvolvimento senhorial, por outro lado, era o que se destacava nos fatos descritos em relação aos núcleos que iam se fortalecendo com base na cultura cafeeira, como descreve ERTHAL em seu estudo sobre Cantagalo:

“Já na década de 1840, os cafezais substituíam, substancialmente, as matas nativas, transformando radicalmente a paisagem. Assim, nos mares de morros cobertos por cafezais, erguem-se belos e confortáveis solares aristocráticos, substituindo o casario simplório erguido na fase anterior, e cujos proprietários exibem um novo estilo de vida. Do seio da sociedade que vai se estabelecendo, emerge uma nobreza que desempenhará importante papel político no Império, a exemplo do empresário Conde de Nova Friburgo. Enfim, a fama de Cantagalo chega à Europa.” (2006)

O período entre meados do século XIX e início do século XX marcou a subordinação da urbanização a dinâmica da economia agroexportadora cafeeira. No reordenamento territorial intensificado a partir da 2ª metade do século XIX, os grandes domínios foram sendo desmembrados. São Fidélis, já desmembrado de Campos, englobava os territórios dos atuais municípios de Itaocara e Santo Antônio de Pádua. Os dois municípios seriam emancipados no final do século: Santo Antônio de Pádua em 1889 e Itaocara em 1890. Aperibé foi distrito de Itaocara (com a denominação de Pedro Correa) e foi incorporado a Santo Antônio de Pádua em 1891, ao qual ficou integrado até sua emancipação em 1993.

O desenvolvimento das cidades em virtude da comercialização do café se processou em meio as transformações que vinham ocorrendo em diversos países. O sistema capitalista se expandia pelo mundo e imprimia mudanças nos sistemas socioeconômicos, afetando em particular as sociedades escravistas, como a que se mantinha no Império do Brasil.

²⁸ VASCONCELOS, 2005:49.

²⁹ <http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=517> (acessado em 3/7/2012).

Essas elites que detinham o poder econômico e também político, ao longo do século XIX foram se adaptando às novas realidades que se apresentavam.

Um aspecto importante era a transferência do setor de serviços para os núcleos urbanos, onde se concentrava uma demanda capitalista industrial que foi se incorporando na estrutura da sociedade.

“Geradas no interior da sociedade escravista brasileira, as atividades capitalistas foram, aqui, a expressão da subordinação formal do modo de produção colonial escravista nacional à dominação do capital industrial. Impedido, pela própria reação dos senhores escravistas, de se apoderar diretamente da produção, o capital industrial se dirigiu especialmente para os setores de serviços, ali se alojando à espera da oportunidade de assaltar todo o corpo social escravista. Ainda aí, teve muitas vezes que se sujeitar à tutela do Estado, que materializava as pressões do capital inglês na criação de empresas capitalistas a ele subordinadas” (EL-KAREH, 1975: 152)

Era na cidade do Rio de Janeiro que se concentravam os comerciantes e os exportadores de café, assim o porto do Rio de Janeiro reafirmava-se como centro de escoamento da produção agrícola, exportando o café produzido em terras fluminenses, na Zona da Mata mineira, no Espírito Santo e no nordeste de São Paulo.

As cotações internacionais de café, que estavam estagnadas ou em baixa desde 1822, obtiveram aumento a partir de 1850. Este fato aliado ao advento da navegação a vapor no Atlântico Sul favoreceu as relações comerciais do Brasil com o exterior fazendo com que a produção cafeeira aumentasse ainda mais. Com uma maior produção, ficava cada vez mais difícil fazer o transporte e escoamento dos produtos por tropas de mulas, que percorriam milhares de quilômetros. A necessidade de melhorar o transporte da produção estimulou o investimento em novas vias de acesso. A estrada Nova ou Normal, que ligava o Porto da Estrela a Petrópolis atendia o comércio de Minas Gerais e do Vale do Paraíba.

Outro sistema de transportes, o ferroviário, seria alvo do interesse dos cafeicultores, que tinham suas fazendas cada vez mais distantes do porto do Rio de Janeiro e buscavam diminuir os custos de sua produção. Os fazendeiros mais importantes do vale do Paraíba não tardaram a se empenhar com dinheiro e prestígio na progressão dos trilhos, dando início a um movimento de integração regional de grande importância histórica.

As linhas férreas se expandiram no Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX (Fig. 3.2.9). No interior fluminense, a solicitação para a instalação da E.F. Cantagalo data de 1857. No entanto, a concretização dos projetos de instalação da linha ocorreria no último quartel dos oitocentos. Em 1874 O Visconde de Nova Friburgo obteve a autorização para a instalação do ramal férreo de Cantagalo, também conhecido como ramal de Portela. Em 1881, já havia sido estabelecido o tráfego entre Santa Rita e Laranjais, passando por Boa Sorte, Pires, Lontra e Engenho Central.

A ferrovia chegaria a Passagem, próximo da Aldeia da Pedra, em 1882 e, em 1885, se autorizou que se estendesse até Portela. O trecho entre esta última estação e a de Itaocara seria inaugurado em 1890, dois anos após a ferrovia ser transferida para a rede da E.F. Macaé-Campos, passando por Barra do Pomba, Barra do Higino e Barbado (antigo nome da localidade de Portela).

O desenvolvimento da E.F. Santo Antônio de Pádua se deu a partir da iniciativa dos fazendeiros da região³⁰, criando-se uma companhia para sua construção, cujo presidente eleito foi o tenente-coronel Joaquim de Araújo Padilha. Em 1880 foi construído o trecho entre São Fidélis e Três Irmãos e, em 1882, o de Funil até Barra do Pomba. No ano de 1884 a estrada foi vendida para E.F. Macaé-Campos.

Em 1890, os dois trechos da E.F. Macaé-Campos passaram para a administração da Companhia Estrada de Ferro Leopoldina, anos depois absorvida pela E.F. Leopoldina Railway, de capital inglês.

³⁰ Os acionistas da companhia eram de Cambuci, São Fidélis e São José de Leonissa da Aldeia da Pedra (BUSTAMANTE, 1971:91).

maioria dos negros encontraria a liberdade em uma trajetória de resistência e insubordinação.” (2005:51)

O declínio das fazendas seria afetado com a perda da mão-de-obra escrava, mas este fator não seria o único e nem preponderante, segundo alguns autores. Retomando a afirmação anterior, sobre o baixo desenvolvimento tecnológico aplicado no sistema cafeicultor, as terras utilizadas para este fim em pouco tempo se encontravam exauridas, associando-se o volume da produção a forma extensiva com que era praticado o plantio. Por outro lado, ainda que nas primeiras décadas do século XX, a produção ainda se mantivesse satisfatória, a crise de 1929 proporcionaria um duro golpe na economia cafeeira.

Na produção agrícola da região, no entanto, o café, ainda que fosse o principal produto de comercialização, compartilhava esta importância com outros bens agrícolas, conforme descrição do início do século XX para o município de Itaocara:

“(…) em 1909 uma produção municipal de 80.000 arrôbas de café beneficiado, além de 40 000 sacos de milho, 15 000 de arroz e 4 000 de feijão. Nessa mesma época, o seu engenho central de Laranjeiras produz 10 000 sacos de açúcar e 60 000 quilos de goiabada.” (LAMEGO, 2007:277)

Em Santo Antônio de Pádua, no ano de 1910 se “produzia 265.200 arrobas de café, 150.000 sacos de milho, 15.133 de arroz e 8.000 de feijão.” (LAMEGO, 2007:280)

O milho, como se vê pelos dados, alcançava expressiva produção na região estudada, inserido no cardápio das famílias e no cotidiano das fazendas, onde era comum haver um moinho no início do século XX. O arroz alcançaria maior expressão após a crise do café, destacando-se na década de 1940.³³

Ainda segundo LAMEGO³⁴, a modificação nas fazendas ocorreria na dimensão das propriedades, que passariam por um processo de desmembramento:

“Como em toda a região serrana fluminense, particularmente nas zonas de extremo leste, após o declínio das fazendas do Império, a subdivisão da terra é também ali um dos fenômenos sociais preponderantes. Das propriedades, 432 abrangem uma área inferior a 41 hectares e, das restantes, 307 não vão além de 100 hectares.” (LAMEGO, 2007:277)

As fazendas que resistiram a crise foram as que mudaram de atividade e começaram a investir na diversificação econômica, passando a atuar principalmente com a produção de gêneros alimentícios (agropecuária extensiva, grãos e frutas). Ademais, o capital privado, que antes era utilizado para o café e o comércio de escravos, foi deslocado para os investimentos urbano-industriais.

Assim, além da produção de milho, o açúcar manteria seu espaço, favorecido pela existência de um Engenho Central Laranjeiras em Itaocara, que produzia açúcar e álcool.

A malha ferroviária facilitava o escoamento da produção, sendo facilitado o transporte pela integração com os ramais ferroviários de Campos e Macaé, integrados na ferrovia Leopoldina Railway, a qual, a partir de 1898 seria autorizada a funcionar no Brasil. Em um mapa de 1947 desta ferrovia, os pontos principais da área de estudo são sinalizados (Fig. 3.2.10).

³³ KATO, 2006.

³⁴ Op.cit.

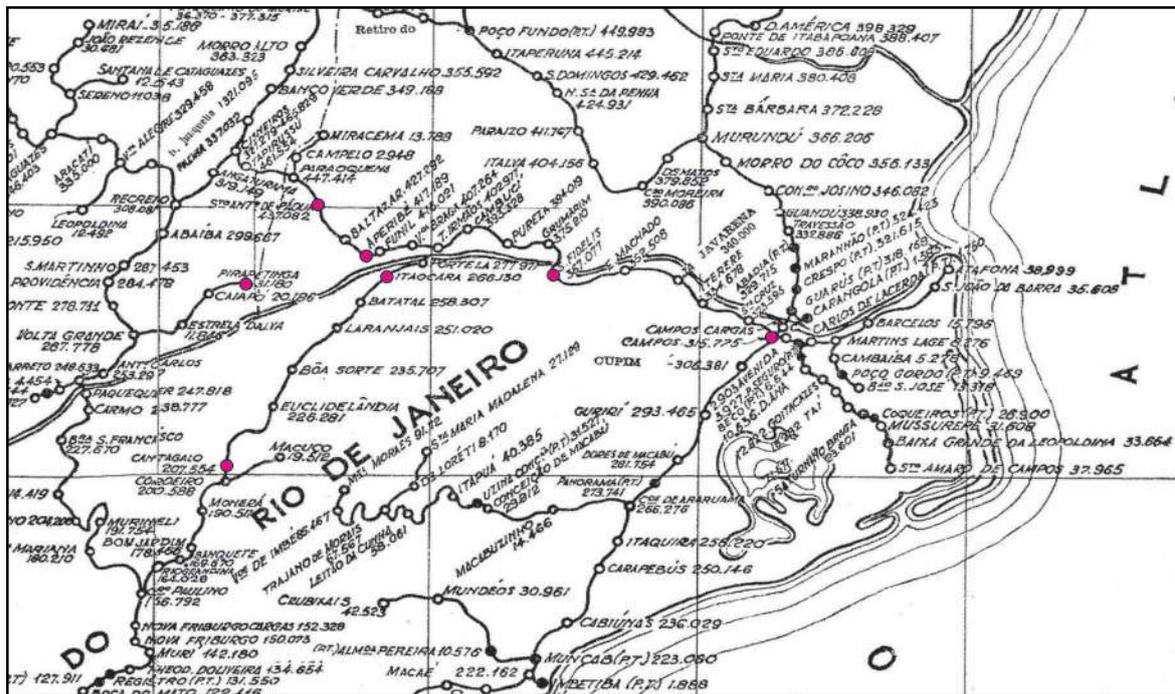


Figura 3.2.10 – Traçados da ferrovia Leopoldina Railway na área de estudo (ano de 1947). Os pontos em rosa indicam as estações de referência: Campos, Cantagalo, Itaocara, São Fidélis e Santo Antônio de Pádua.³⁵

Na década de 1950, com muitos ramais deficitários, a Companhia seria encampada pelo Governo Federal, passando a se denominar a ferrovia de E.F. Leopoldina e depois integrada na RFFSA. Na década de 60 seriam desativados diversos ramais, inclusive o de Cantagalo (que passa por Itaocara). Nos anos 90, a ferrovia é desestatizada e o ramal existente da Malha Centro-Leste da RFFSA, que passa por Aperibé e Santo Antônio de Pádua, é incorporado na rede da Ferrovia Centro-Atlântica, servindo para o transporte de cargas.

Nesse período, a região noroeste fluminense encontrava-se em situação econômica crítica³⁶, com índices de decréscimo populacional. A pecuária leiteira seria a atividade dominante, aliado ao plantio de leguminosas.

Um exemplo dessa situação é descrito para Santo Antônio de Pádua:

“A partir dos anos de 1940, a população de Santo Antônio de Pádua dá início a um fluxo migratório crescente para a região metropolitana do Rio de Janeiro, de forma que a população entre as décadas de 1950 e 1970 apresenta índice negativo de crescimento populacional. Esse período é coincidente ao de substituição da cafeicultura pela pecuária e ao início da pequena atividade industrial do município.” (VASCONCELOS, 2005:43)

Novos arranjos no uso da terra se dariam, como o registrado no final da década de 1970 pela mesma autora:

“Os designados por ‘camaradas’, normalmente, trabalhavam para um só patrão. No plantio ‘de meia’, o dono entrava apenas com a terra e toda a força de trabalho e insumos vinham do trabalhador. Já no plantio ‘de terça’, o dono entrava com terra,

³⁵ RODRIGUEZ, 2004:66.

³⁶ A mudança no quadro socioeconômico estaria vinculada as políticas de “modernização” da agricultura, que não favoreceu ao interior fluminense por não se adaptar as condições fisiográficas necessárias (topografia, grandes extensões de terras), como descrito por KATO (2006).

insumos e maquinaria, ficando ao final com dois terços do resultado da colheita. Já o agregado, que tradicionalmente ocupava a terra sem efetuar pagamento em espécie ou produção e mantinha uma relação de compadrio, colocando-se 'a serviço' do dono da terra, passou, nesse período, a estabelecer uma condição de locatário das terras que cultivava.

Residindo em grande maioria em casas de pau-a-pique, o padrão de organização familiar encontrado era patriarcal. Os filhos moravam com os pais, que para estes trabalhavam até se casarem. A escola, via de regra, era deixada para trás em função das atividades da lavoura e das demandas da casa. " (VASCONCELOS, 2005:59)

Essa configuração socioeconômica, marca a caracterização da área de estudo atualmente, de rarefeita ocupação e do parcelamento das propriedades segundo os desmembramentos das famílias, conforme percebido ao longo das prospecções arqueológicas. No levantamento de campo vem sendo registrados locais que foram ocupados em meados do século XX e que são identificados através dos moradores entrevistados, como sendo de seus parentes próximos (pai, avó, etc.).

A alguns desses lugares, por serem representativos da configuração histórica recente e que marca o processo de reorganização sociocultural da área, são considerados relevantes para a história local e relacionados como bens de interesse cultural.

3.3 Prospecções Arqueológicas

Nas prospecções arqueológicas, inicialmente, foi priorizada a pesquisa na área dos canteiros e acesso nas margens esquerda (município de Aperibé) e direita (município de Itaocara) do rio Paraíba do Sul, para a qual foi elaborado um relatório parcial, apresentado ao IPHAN. A partir daí prosseguiu-se com as pesquisas nas áreas do reservatório, cobrindo os limites de alagamento do mesmo e também as Áreas de Preservação Permanente, APP, indicada na planta geral do empreendimento (Anexo).

Compreendendo um levantamento de 66 ortofotos os limites da UHE Itaocara I se limitaram as ortofotos 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 46, 47, 48 e 49. As evidências arqueológicas, com exceção de uma, o sítio Senzala, e as Áreas de Interesse Cultural foram localizadas nos limites das ortofotos 8, 9, 10, 14, 15, 16, 17, 21, 22, 23, 24, 25, 29, 30, 31, 38, 39 e 40.

Ao longo dos trabalhos foram registrados aspectos da paisagem, incluindo elementos naturais e os de interesse histórico.

Entre os aspectos naturais, destaca-se na área pesquisada a Pedra do Elefante (indicação pela população local da Serra da Bolívia) e alguns paredões rochosos (Fig. 3.3.1). O relevo local é bastante diferenciado, destacando-se algumas elevações bastante íngremes, por vezes cobertas por vegetação arbórea (Fig. 3.3.2), que contrastam com as áreas de planície do rio Paraíba do Sul (Fig. 3.3.3) onde é comum a presença de corpos d'água e zonas brejosas (Fig. 3.3.4).

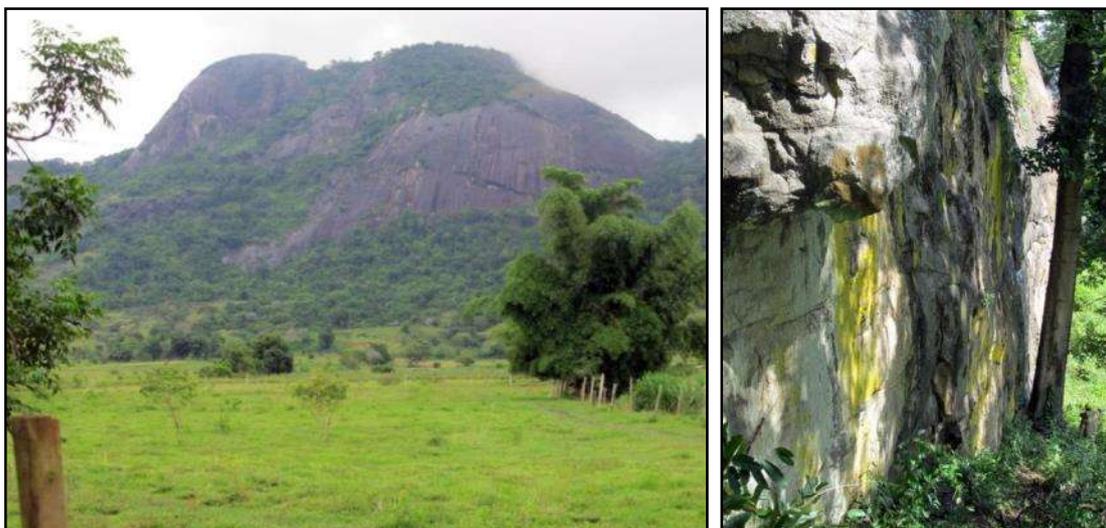


Figura 3.3.1 – Vista da Pedra do Elefante e paredão rochoso³⁷, Aperibé, RJ.

³⁷ Coordenadas UTM 796042 E, 7599614 N.



**Figura 3.3.2 – Aspecto do relevo com morros coberto por vegetação.
Coordenadas UTM 795614 E; 7598310 N.**



Figura 3.3.3 – Vista do Rio Paraíba do Sul (a partir da margem esquerda).



Figura 3.3.4 – Vista da área de planície com corpo d'água e zonas brejosas.

Outro elemento relevante na paisagem são as ilhas do rio Paraíba do Sul, com destaque para a Ilha Serena, na área da barragem da UHE Itacara I.

Em várias dessas ilhas ocorrem algumas instalações associadas a prática agrícola, com relatos de plantio de arroz no passado e de milho nos dias de hoje, associada a pecuária. Algumas, especialmente as mais próximas das margens, vêm sofrendo acréscimos na sua extensão em virtude de aterros feitos pela população, nos quais são utilizados restos construtivos.

Nas prospecções realizadas na Ilha Serena, algumas edificações da propriedade agrícola do Sr. Floriano Peçanha Filho foram registradas (Fig. 3.3.5).



**Figura 3.3.5 – Edificações encontradas na Ilha Serena, rio Paraíba do Sul.
Coordenadas UTM 796565 E, 7596695 N.**

Com relação a áreas de interesse histórico, algumas edificações e instalações de sedes rurais foram registradas na área de pesquisa, sendo relevante sua distribuição espacial como elemento comparativo para o estudo arqueológico.

Nesse contexto foram registrados os tipos de construções existentes na região, sendo encontradas casas de pau-a-pique, de alvenaria e vestígios de casas, de maquinários de engenho e um arado manual (Fig. 3.3.6 a 3.3.9). Uma antiga escola desativada e uma olaria também fez parte do conjunto edificado registrado na área (Fig. 3.3.10 e 3.3.11).



Figura 3.3.6 – Casa com data de 1937, encontrada na estrada de acesso para área a ser prospectada.

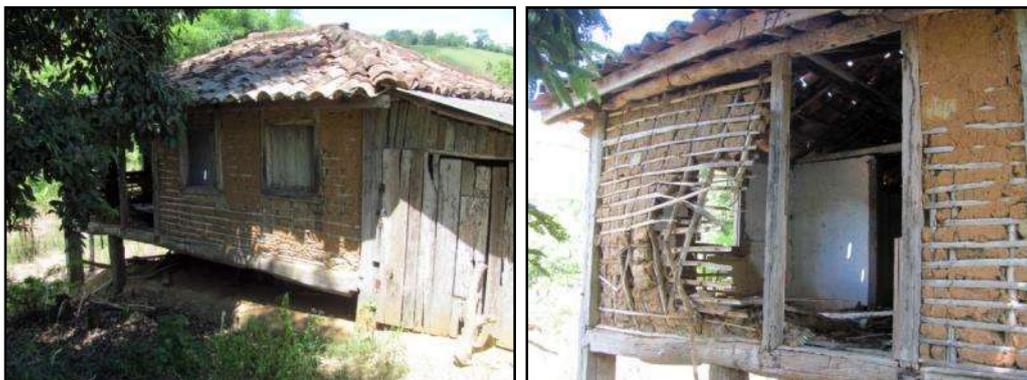


Figura 3.3.7 – Vista da residência de pau-a-pique. Coordenadas UTM 796667 E, 7598449 N.



Figura 3.3.8 – Edificação e vestígios de maquinários de engenho. Coordenadas UTM 796003 E, 7599128 N.

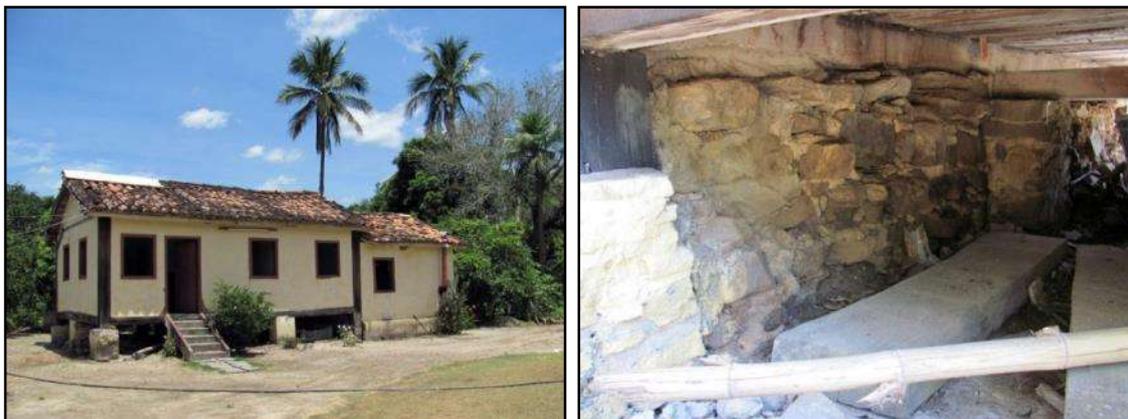




Figura 3.3.9 – Residência do Sr. Adenildo da Silva Maia com detalhe dos alicerces. Na foto abaixo, peça de arado manual. Coordenadas UTM 796211 E, 7598926 N.



Figura 3.3.10 – Escola desativada. Coordenadas UTM 796900 E, 7597700 N.



Figura 3.3.11 – Vista de área plana, com edificações de olaria. Coordenadas UTM 798100 E, 7598200 N.

Uma característica interessante com relação ao estabelecimento das propriedades rurais é a presença de sequências de coqueiros próximas a elas (Fig. 3.3.12). Esta prática dos moradores da região favoreceu o reconhecimento de vestígios de casas relativamente antigas. Os vestígios encontrados nas proximidades de coqueiros, em geral, têm referências mais antigas de ocupação, compreendendo um período de 40 a 60 anos atrás. Entretanto, essas informações têm que ser verificadas na documentação histórica e em pesquisas mais sistemáticas por meio de entrevistas com os moradores da região.



**Figura 3.3.12 – Vista da área de pastagem com coqueiros ao redor.
Coordenadas UTM 795500 E, 7598200 N.**

Em registros feitos a partir das áreas mais altas, com uma visualização mais ampla das áreas planas, pode ser vista a paisagem nas margens do rio Paraíba do Sul, com residências adjacentes, situadas na unidade de paisagem pé-de-morro e com coqueiros ao redor (Fig. 3.3.13 e 3.3.14).³⁸



**Figura 3.3.13 – Vista da área plana com coqueiros próximos a residência.
Coordenadas UTM 795513 E, 7598701 N.**

³⁸ São relacionadas as definições de unidade de paisagem constantes do EIA-RIMA da UHE Itaocara, 2010.



**Figura 3.3.14 – Vista de residência com coqueiros nas proximidades.
Coordenadas UTM 796500 E, 7598700 N.**

Na observação prévia das ortofotos alguns elementos são importantes em se destacar, pois que influenciaram nos resultados alcançados nas prospecções realizadas.

Em uma observação geral dos limites das ortofotos 17 e 24, que abrange boa parte da área impactada pela construção da UHE Itaocara I, registram-se grandes áreas de terrenos sujeitos a inundações nas partes baixas da margem do rio Paraíba do Sul (Fig. 3.3.15). Nessa unidade de paisagem denominada várzea, alguns indícios de ocupação pretérita foram observados, sendo, entretanto, boa parte do terreno impactada pelo cultivo e pelas inundações sazonais do rio.



Figura 3.3.15 – Vista da margem esquerda do rio Paraíba do Sul com áreas planas e alagadas.

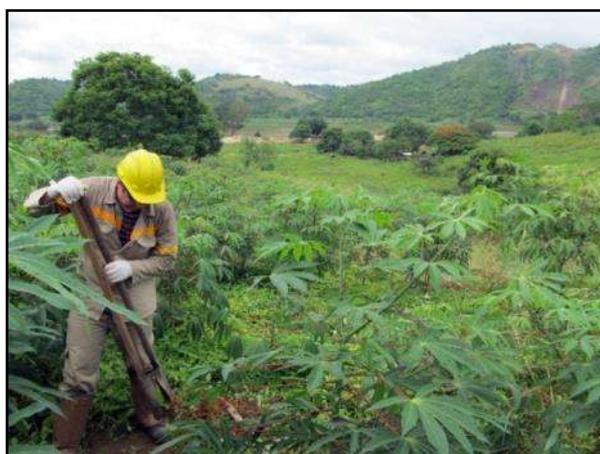
Ao longo das prospecções nessa área foram registrados afloramentos rochosos, trechos alagados (Fig. 3.3.16 e 3.3.17), cultivos de aipim, quiabo e milho (Fig. 3.3.18 a 3.3.20), assim como áreas de pastagem (Fig. 3.3.21).



**Figura 3.3.16 – Vista da área plana e alagada e ao fundo área de mata fechada.
Coordenadas UTM 794500 E, 7598900 N.17**



**Figura 3.3.17 – Vista de área plana com afloramento rochoso e alagada.
Coordenadas UTM 795500 E, 7598400 N.**



**Figura 3.3.18 – Várzea com plantio de aipim.
Coordenadas UTM 794200 E, 7599000 N.**



**Figura 3.3.19 – Área plana com plantio de quiabo.
Coordenadas UTM 795208 E, 7598866 N.**

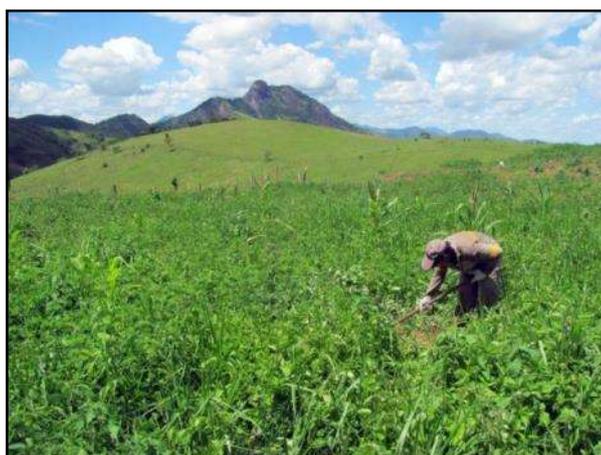


Figura 3.3.20 – Vista de plantio de milho. Coordenadas UTM 796710 E, 7598693 N.



**Figura 3.3.21 – Prospecção em área de pastagem.
Coordenadas UTM 797800 E, 7598300 N.**

Nas áreas mais altas, de topo dos morros (Fig. 3.3.22), não foram localizados, até o momento, vestígios de ocupação, sendo estes predominantemente encontrados em áreas mais baixas, com ênfase nos sopés dos morros.



**Figura 3.3.22 – Vista do relevo ao fundo com suaves ondulações.
Coordenadas UTM 796739 E, 7598186 N.**

Na figura 3.3.23 revela-se a característica de ocupação em áreas pouco mais elevadas do pé-de-morro, demonstrando um hábito comum na região entre a população local.



Figura 3.3.23 – Vista de ocupação na área de pé-de-morro. Coordenadas UTM 795370 E, 7599100 N.

A ocorrência de afloramentos rochosos em alguns trechos da área pesquisada, a instabilidade dos terrenos e a forte declividade observada em parte das elevações poderia estar associada a essa menor potencialidade das áreas mais altas para a ocupação (Fig. 3.3.24 a 3.3.27).

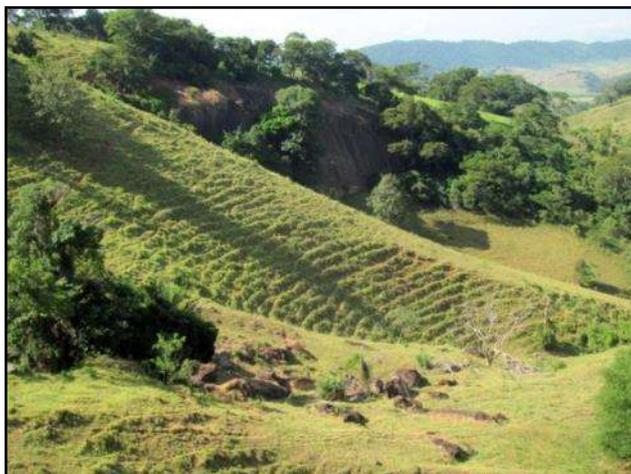


Figura 3.3.24 – Área de afloramento rochoso. Coordenadas UTM 795916 E, 7599849 N.



Figura 3.3.25 – Afloramento rochoso. Coordenadas UTM 797000 E, 7598500 N.



Figura 3.3.26 – Processo erosivo intenso. Coordenadas UTM 796900 E, 7598300 N.



**Figura 3.3.27 – Declividade do terreno.
Coordenadas UTM 796800 E, 7598500 N.**

3.4 Sítios Arqueológicos e Áreas de Interesse Cultural (AICs)

As prospecções arqueológicas realizadas na área da UHE Itaocara I identificaram sessenta e sete sítios arqueológicos e 40 Áreas de Interesse Cultural (AIC). Distribuídos pelos municípios os sítios arqueológicos são computados da seguinte forma: Dois sítios no município de Pirapetinga, MG; vinte sítios em Santo Antônio de Pádua, RJ; vinte e três sítios em Aperibé; quinze sítios em Cantagalo, RJ; e sete sítios em Itaocara, RJ.

3.4.1 Sítios Arqueológicos

A caracterização dos sítios arqueológicos é descrita a seguir, segundo a sequência dos municípios onde se encontram: Pirapetinga, em Minas Gerais e Santo Antônio de Pádua, Aperibé, Cantagalo e Itaocara, no Rio de Janeiro.

3.4.1.1 Pirapetinga, Minas Gerais

Em Pirapetinga foram encontrados dois sítios arqueológicos, denominados Pedra Furada e Santo Antão.

3.4.1.1.1 Sítio Arqueológico Santo Antão – Coordenadas UTM 772903 E, 7593628 N. Ortofoto 38.

Perímetro: 586,12 m. Coordenadas UTM 772787 E, 7593673 N; 772993 E, 7593687 N; 772998 E, 7593600N; 772827 E, 7593562 N.

Extensão e profundidade: Comprimento de 147 m; Largura de 113m (área de 19.118 m²); profundidade de 26 cm.

Em uma área de pasto na margem do rio Paraíba do Sul, em propriedade da Senhora Ivone Isepon Page e outros, identificada pelo código PI-068, foram identificados restos de uma antiga sede rural que seria uma das mais antigas do local.

Restos históricos de alicerces, telhas, louças, vidros e de metal foram localizados em superfície e em profundidade de até 26 cm. Um pé de jenipapo de cerca de 20 m de altura foi apontado pelos moradores como referência de localização dos vestígios.

Nos caminhamentos observou-se que o material superficial se distribuíra por uma área extensa, porém, nas proximidades de restos de alicerces, foi identificada uma área mais concentrada de materiais arqueológicos em profundidade.

A sedimentação arenosa foi predominante no local, exceto onde se encontravam os alicerces, com sedimento argilo-arenoso.

A presença de fragmentos de telha e os restos de alicerces indicaram a área central e a dispersão dos vestígios da ocupação pretérita (Figura 3.4.1.1.1). Foram feitas quatro intervenções com evidências de material arqueológico em sub-superfície (Figuras 3.4.1.1.2 a 3.4.1.1.6)

Na área nuclear da antiga ocupação a presença de blocos rochosos indicava a existência de um alicerce, sendo que, neste local, foi realizada uma sondagem. Nela foram encontrados restos de louça, telha e carvão, alcançando uma profundidade entre 25 e 30 cm (Figura 3.4.1.1.4).

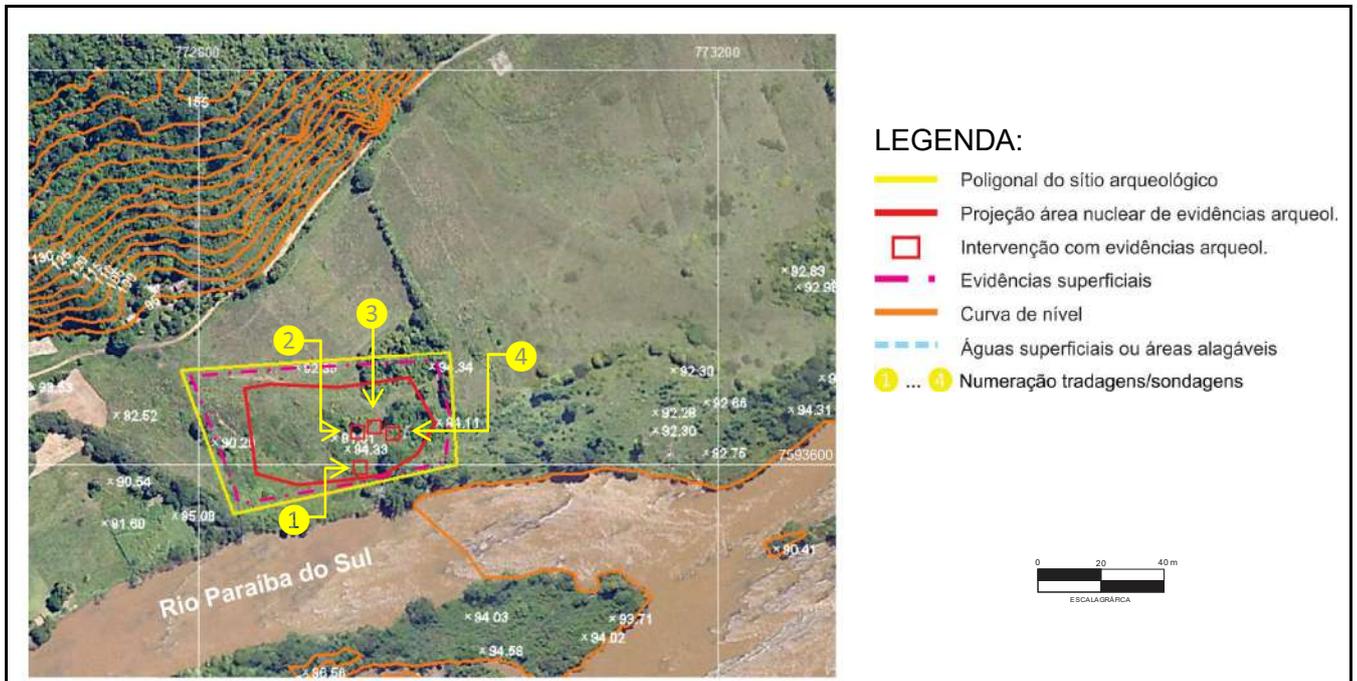


Figura 3.4.1.1.1 – Planta do sítio arqueológico Santo Antônio. Pirapetinga, MG.



Figura 3.4.1.1.2 – Vista do rio Paraíba do Sul e tradagem 1 com profundidade de 40 cm. Coordenadas UTM 772923 E, 7593586 N. Vestígios de telha até 10 cm.



Figura 3.4.1.1.1.3 – Vestígios de alicerce de pedras. Coordenadas UTM 772925 E, 7593627 N.



Figura 3.4.1.1.1.4 – Sondagem 2 com profundidade de 30 cm. Coordenadas UTM 772925 E, 7593627 N. Vestígios de louça e telha.



Figura 3.4.1.1.1.5 – Local da sondagem 3 com pé de jenipapo ao fundo. Intervenção com profundidade de 47 cm. Coordenadas UTM 772932 E, 7593627 N. Vestígios de telha em 13 cm de profundidade.



Figura 3.4.1.1.1.6 – Tradagem 4 com profundidade de 60 cm. Coordenadas UTM 772945 E, 7593625 N. Vestígios arqueológicos: em 15 cm vidro e em 26 cm telha.

Dentre os materiais coletados destacam-se os fragmentos de louças do tipo trigel e uma parte de fundo com marca da fábrica de louças Santa Catharina, de São Paulo. Também foram coletados fragmentos de vidro transparente, de telha e peças de metal, sendo estes vestígios encontrados desde a superfície até a profundidade de 26 cm.

O grau de alteração do sítio arqueológico é significativo, ainda que os vestígios de alicerces e a concentração de vestígios são fatores importantes para a contextualização da ocupação histórica.

VESTÍGIOS COLETADOS NO SÍTIO SANTO ANTÃO		
NÍVEL	MATERIAL	Coordenadas UTM (SAD 69)
0-25 cm	2 frag. de louça branca (1 trigel), 3 frag. de louça branca e 2 frag. de telha	772925, 7593627 (S2)
Entre 15 cm e 26 cm	1 frag. de louça branca, 1 frag. de vidro transparente, 3 frag. de telha, 1 haste metal	772945, 7593625 (T4)



Figura 3.4.1.1.1.7 – Fragmentos de louças brancas: na parte superior duas bordas, uma com decoração em relevo e outra com decoração trigel. Nível 0-25 cm. Sondagem 2. Coordenadas UTM 772925 E, 7593627 N.



Figura 3.4.1.1.1.8 – Fragmentos de telha. Nível 0-25 cm.
Sondagem 2. Coordenadas UTM 772925 E, 7593627 N.



Figura 3.4.1.1.1.9 – Fragmento de louça branca e de vidro transparente. Nível 15-26 cm.
Tradagem 4. Coordenadas UTM 772945 E, 7593625 N.



Figura 3.4.1.1.1.10 – Fragmentos de telhas e uma haste de metal. Nível 15-26 cm.
Tradagem 4. Coordenadas UTM 772945 E, 7593625 N.

3.4.1.1.2 Sítio Arqueológico Pedra Furada – Coordenadas UTM 779357 E, 7595139 N. Ortofoto 29.

Perímetro: 320,86. Coordenadas UTM 779313 E, 7595150 N; 779364 E, 7595195 N; 779427 E, 7595135 N; 779364 E, 7595082 N.

Extensão e profundidade: Comprimento de 88 m; largura de 81 m (área de 6.373,00 m²); Profundidade de 10 cm.

O sítio Pedra Furada se encontra próximo a margem do rio Paraíba do Sul, tendo como proprietários Sebastião Gonçalves Ferreira e Antônio Ribeiro da Silva. A propriedade é identificada sob o código PI-039, A e B. Trata-se de um sítio arqueológico histórico relacionado a restos de uma edificação que foi apontada pelos moradores como sendo a mais antiga da área. No local foram encontrados vestígios de louças, telhas e reboco em superfície e em subsuperfície (aproximadamente em 5 cm de profundidade; Figuras 3.4.1.1.2.1 e 3.4.1.1.2.2). Adjacente ao local há duas edificações sendo uma feita com blocos de concreto, bem mais recente. Em parte, sob esta última edificação, há um piso de pedras que foi indicado como sendo de secagem de arroz. Embora o piso seja mais antigo que a edificação de blocos de concreto, pela disposição em relação aos vestígios da antiga ocupação, associada ao contexto do sítio arqueológico, este piso, aparentemente, seria mais recente, pertencente a outra edificação mais recente ali existente (Figura 3.4.1.1.2.3).

As intervenções realizadas revelaram materiais muito superficiais e restos de um alicerce de pedras pode ser observado também em superfície (3.4.1.1.2.4). A textura do sedimento observado nas intervenções era predominantemente areno-argilosa.

No entorno desta área da antiga edificação, numa porção a leste, que se encontra após uma cerca de arame farpado, um terreno revolvido revelou alguns fragmentos de louça decorada (Figura 3.4.1.1.2.2).

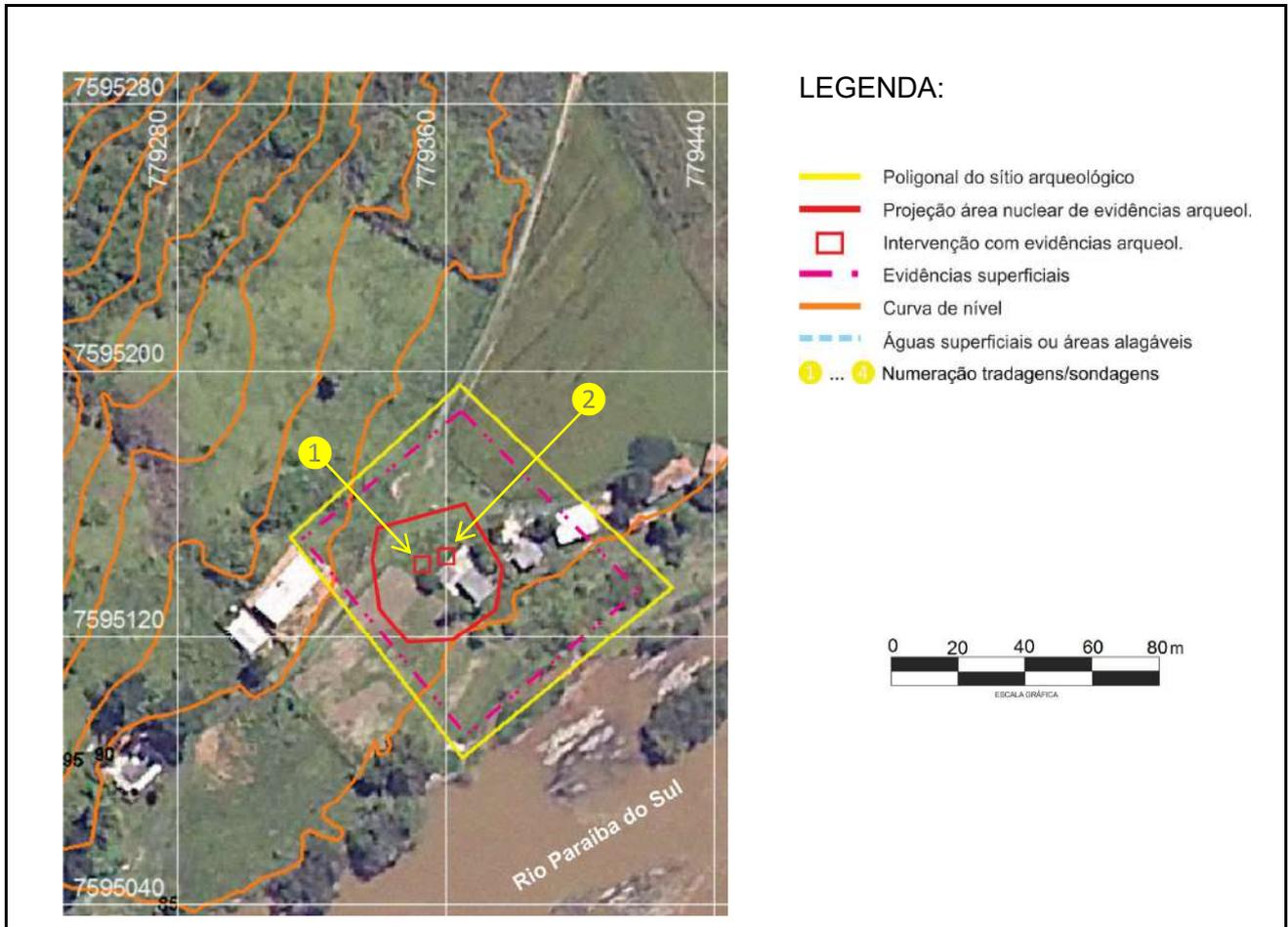


Figura 3.4.1.1.2.1 – Planta do sítio arqueológico Pedra Furada. Pirapetinga, MG.



Figura 3.4.1.1.2.2 – Vista geral da área do sítio arqueológico Pedra Furada. Ao fundo, após a cerca, área de terreno revolvido onde foram encontradas louças decoradas.



Figura 3.4.1.1.2.3 – Edificação recente de blocos de concreto e detalhe de piso de pedras.



Figura 3.4.1.1.2.4 – Detalhe de restos de alicerces do sítio arqueológico Pedra Furada. Na foto a direita, o alicerce de pedras da edificação mais recente.

Foram feitas três intervenções no local sendo que apenas em duas foi coletado material em profundidade. Os vestígios se encontravam em superfície e, na área dos alicerces, predominaram os de natureza construtiva, como telhas, reboco e os blocos dos alicerces (Figuras 3.4.1.1.2.5 a 3.4.1.1.2.7). O sedimento predominante apresentou textura areno-argilosa.



Figura 3.4.1.1.2.5 – Tradagem 1 com profundidade de 15 cm. Coordenadas UTM 779352 E, 7595141 N. Vestígios telhas até 10 cm.



Figura 3.4.1.1.2.6 – Tradagem 2 com profundidade de 55 cm. Coordenadas UTM 779360 E, 7595144 N. Encontrado fragmento de reboco a 5 cm de profundidade.



Figura 3.4.1.1.2.7 – Tradagem com profundidade de 30 cm. Coordenadas UTM 779356 E, 7595152 N. Sedimento areno-argiloso nas duas camadas. Sem vestígios. Em superfície fragmentos de telha.

Os materiais coletados revelaram materiais do século XX, sendo um marcador importante a ocupação associada ao período econômico do plantio de arroz, relacionado a uma importante fase do desenvolvimento histórico da região estudada. Os fragmentos de louça com friso vermelho na borda estariam associados a ocupação mais antiga (Figura 3.4.1.1.2.10).

VESTÍGIOS COLETADOS NO SÍTIO PEDRA FURADA		
NÍVEL	MATERIAL	Coordenadas UTM (SAD 69)
Superfície	4 frag. de louça decorada (2 floral azul e 2 de cor azul, vermelha e coral)	779346, 7595132
5 cm	1 frag. de reboco	779360, 7595144 (T2)



**Figura 3.4.1.1.2.8 – Reboco. Nível de 5 cm.
Coordenadas UTM 779360 E, 7595144 N.**



**Figura 3.4.1.1.2.9 – Fragmentos de louças decoradas. Superfície.
Coordenadas UTM 779346 E, 7595132 N.**



**Figura 3.4.1.1.2.10 – Fragmentos de louças decoradas. Superfície.
Coordenadas UTM 779346 E, 7595132 N.**

3.4.1.2 Santo Antônio de Pádua, Rio de Janeiro

No município de Santo Antônio de Pádua foram registrados vinte sítios arqueológicos: Barra de Santa Luzia 1; Rezadeira 1 e 2; Engenho de Zeca Santos; Monjolo; Boa Vista 4, 5, 6, 7; Santa Rosa 1, 2 e 3; Santa Cândida; Rezadeiro; Sítio da Sinhá; São Domingos; Cachoeira dos Patos 1 e 2; Retiro Feliz e Ilha do José Meirelles.

3.4.1.2.1 Sítio Arqueológico Barra de Santa Luzia 1 – Coordenadas UTM 791110 E, 7599842 N. Ortofoto 16.

Perímetro: 481,52 m. Coordenadas UTM 790980 E, 7599874 N; 791107 E, 7599893 N; 791149 E, 7599834 N; 791024 E, 7599751 N.

Extensão e profundidade: Comprimento de 150 m; Largura de 128 m (área de 13.659 m²); Profundidade de 40 cm.

O sítio arqueológico se encontra em uma área de cultivo, ocupando o alto de uma elevação próxima a um braço da margem esquerda do rio Paraíba do Sul (Figura 3.4.1.2.1.1 a 3.4.1.2.1.4). O conjunto de propriedades por onde ele se estende é identificada pelos códigos PA 004-005-006 e pertencem a Senhora Nilda da Luz Pimenta, ao Senhor Lourival Ferreira da Luz Filho e a Furnas Centrais Elétricas, respectivamente.

Destaca-se a residência do Senhor Sadé Ferreira da Luz, situada na parte baixa da elevação onde se encontra o sítio arqueológico, sendo por esta propriedade que se tem acesso ao mesmo, passando por um campo de futebol (Figura 3.4.1.2.1.2). A edificação com traços tradicionais foi categorizada como Área de Interesse Cultural (AIC) e definida como o número 28 no presente relatório (item 3.4.2.2.6).

As evidências arqueológicas históricas encontradas no perímetro do sítio Barra de Santa Luzia 1 foram louças, vidros, materiais cerâmicos (telhas e vasilhames) e fragmento de grés. Estes materiais se encontravam distribuídos até um máximo de 40 cm de profundidade. O sedimento se caracteriza pela textura predominantemente arenosa embora na face voltada para o braço do rio Paraíba do Sul a textura argilosa tenha sido observada.

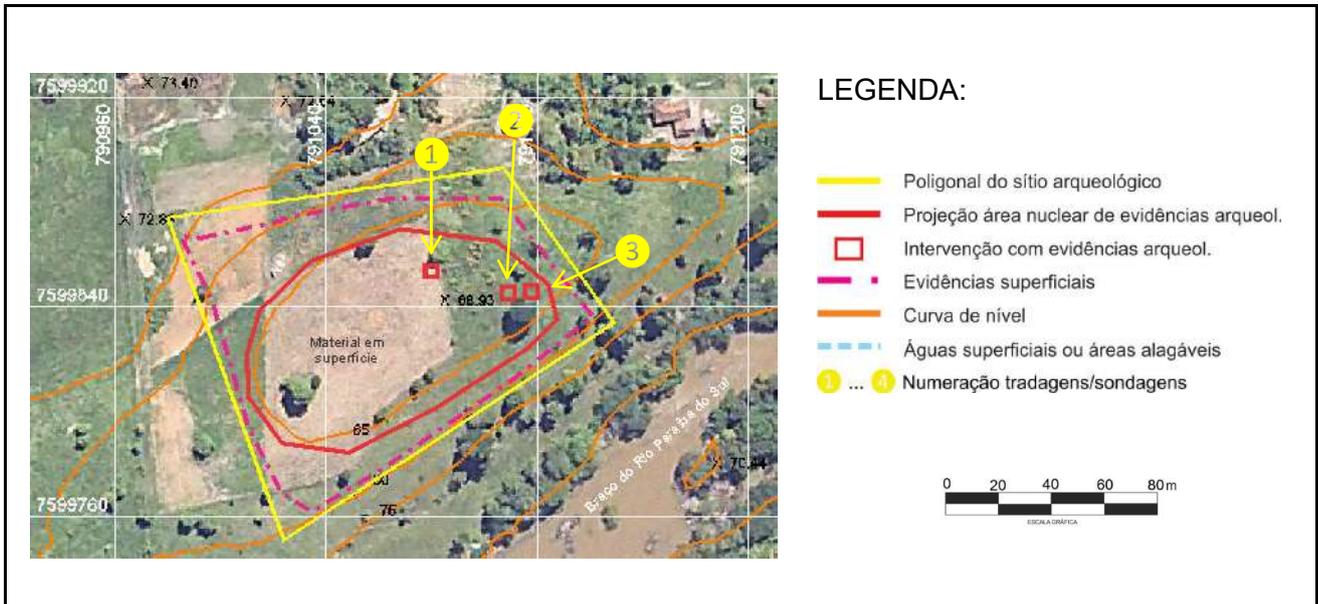


Figura 3.4.1.2.1.1 – Planta do sítio arqueológico Barra de Santa Luzia 1. Santo Antônio de Pádua, RJ.



Figura 3.4.1.2.1.2 – Vista da elevação onde se encontra o sítio arqueológico Barra de Santa Luzia 1, a direita (apontado pela seta). Em primeiro plano, o campo de futebol e a sede da propriedade PA-003 (a direita; AIC 28).



Figura 3.4.1.2.1.3 – Vista da porção superior com a área do sítio arqueológico Barra de Santa Luzia 1, a esquerda, na porção mais elevada.



**Figura 3.4.1.2.1.4 – Vista da área do sítio arqueológico Barra de Santa Luzia 1.
Coordenadas UTM 791077 E, 7599870 N.**

Foram realizadas seis intervenções para a caracterização do sítio e coletados materiais arqueológicos em três destas. Em uma sondagem, a intervenção de número 2, se encontrou o material na maior profundidade, de 40 cm (Figuras 3.4.1.2.1.5 a 3.4.1.2.1.9).



**Figura 3.4.1.2.1.5 – Tradagem 1 com profundidade de 20 cm. Sedimento arenoso.
Coordenadas UTM 791081 E, 7599855 N.**



Figura 3.4.1.2.1.6 – Sondagem 2 com detalhe do perfil. Sedimento arenoso. Coordenadas UTM 791110 E, 7599842 N.



Figura 3.4.1.2.1.7 – Tradagem com profundidade de 20 cm. Sedimento arenoso. Coordenadas UTM 791077 E, 7599870 N.



Figura 3.4.1.2.1.8 – Tradagem com profundidade de 25 cm. Sedimento argilo-arenoso. Coordenadas UTM 791025 E, 7599801 N.



Figura 3.4.1.2.1.9 – Vista da área e sondagem com tradagem com profundidade de 70 cm. Sedimento argiloso. Coletados materiais em superfície. Coordenadas UTM 791053 E, 7599786 N. Ao fundo o braço do rio Paraíba do Sul.

Destaca-se entre os vestígios arqueológicos coletados faianças fabricadas no século XIX, com exemplares de decoração borrão, *dipped*, floral pintada a mão e carimbada. Fragmentos de garrafas de grés e de vidro também foram identificados (Figuras 3.4.1.2.1.10 a 3.4.1.2.1.25). Ressalta-se ainda, no conjunto de vestígios coletados parte do fundo de uma peça de faiança francesa, do tipo *Opaque de Sarreguemes*, que teve sua produção no período de 1875 a 1900³⁹ (Figura 3.4.1.2.1.14). Outro fragmento significativo é o de faiança fina com decoração no estilo *chinoiserie* (padrão de paisagem chinesa), produzida entre 1828 e 1867⁴⁰ (Figura 3.4.1.2.1.25).

VESTÍGIOS COLETADOS NO SÍTIO BARRA DE SANTA LUZIA 1		
NÍVEL	MATERIAL	Coordenadas UTM (SAD 69)
Superfície	2 frag. de louça branca	791053, 7599786
Superfície	1 frag. de vidro	791030, 7599804
Superfície	2 frag. de cerâmica	791033, 7599827
Superfície	15 frag. de louça (3 brancas; 5 com decoração em azul – <i>chinoiserie</i> , faixa, etc.; 1 pintada a mão, 1 <i>dipped</i> com faixas coloridas, uma floral, 2 com marcas de fabricante – uma identificada: "[OPAQUE] DE SARRE[GUEMINES]"); 1 frag. cerâmico e 3 frag. de vidro	791109, 7599840
Superfície	9 frags de vidro (2 fundos de garrafa, 1 frag. de garrafa azul), 1 frag. de grés, 1 frag. cerâmico, 26 frag. de louça branca (1 com marca de fabricante não identificada)	791081, 7599855 (T1)
0-20 cm	16 frag. de louça branca, 12 frag. de vidro; 7 frag. de telha	791110, 7599842 (S2)
20-40 cm	2 frag. de louça branca, 1 frag. de vidro e 1 peça de metal	791110, 7599842 (S2)
0-5 cm - raspagem	1 frag. de faiança com decoração estilo <i>chinoiserie</i>	791119, 7599846 (T3)

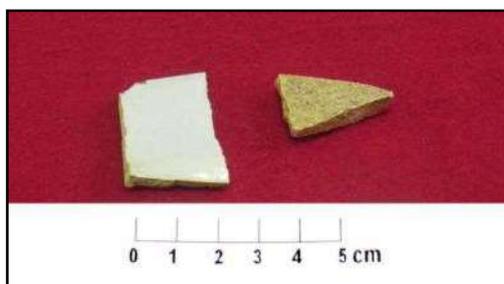


Figura 3.4.1.2.1.10 – Fragmentos de louça branca. A da direita está com desgaste do esmalte Superfície. Coordenadas UTM 791053 E 7599786 N.



Figura 3.4.1.2.1.11 – Fragmento de fundo de garrafa. Superfície. Coordenadas UTM 791030 E, 7599804 N.

³⁹ Fonte: <http://www.infofaience.com/en/sarreguemes-marks> (acesso em 21/03/2015).

⁴⁰ TOCCHETTO et al., 2001:37.



Figura 3.4.1.2.1.12 – Fragmentos cerâmicos. Superfície. Coordenadas UTM 791033 E, 7599827 N.



Figura 3.4.1.2.1.13 – Fragmentos de louça decorada (carimbado, *dipped*, pintada a mão, borrão) e branca. Uma com marca do fabricante (Detalhe na foto seguinte). Superfície. Coordenadas UTM 791109, E 7599840 N.



Figura 3.4.1.2.1.14 – Detalhe do fragmento de faiança francesa “[OPAQUE] DE SARRE[GU]EMINES”. Superfície. Coordenadas UTM 791109 E, 7599840 N.



Figura 3.4.1.2.1.15 – Fragmentos de vidro. Superfície. Coordenadas UTM 791109 E, 7599840 N.



Figura 3.4.1.2.1.16 – Fragmentos de louça branca. Superfície.
Coordenadas UTM 791081 E, 7599855 N.



Figura 3.4.1.2.1.17 – Fragmento de garrafa de grés: faces externa e interna. Superfície.
Coordenadas UTM 791081 E, 7599855 N.



Figura 3.4.1.2.1.18 – Fragmento cerâmico. Superfície.
Coordenadas UTM 791081 E, 7599855 N.



Figura 3.4.1.2.1.19 – Parte de garrafa azul pequena (medicamento). Superfície.
Coordenadas UTM 791081 E, 7599855 N.



Figura 3.4.1.2.1.20 – Fragmentos de fundo de garrafa de vidro. Local da tradagem 1. Superfície. Coordenadas UTM 791081 E, 7599855 N.



Figura 3.4.1.2.1.21 – Fragmentos de vidro. Superfície. Coordenadas UTM 791081 E, 7599855 N.

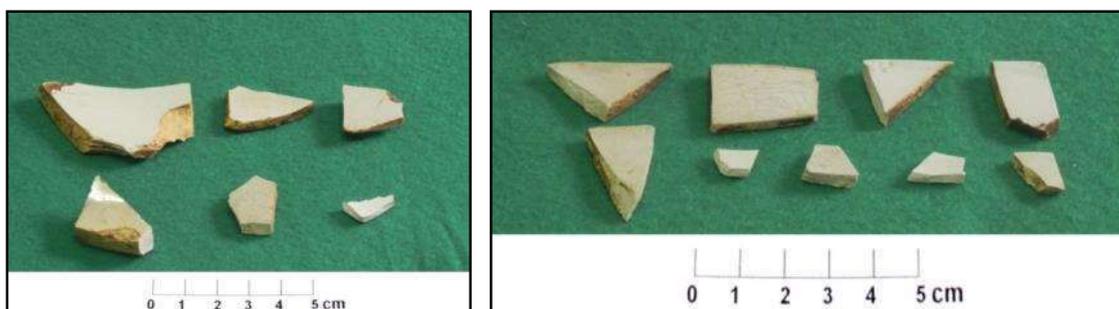


Figura 3.4.1.2.1.22 – Fragmentos de louça branca. Sondagem 2. Nível 0-20 cm. Coordenadas UTM 791110 E, 7599842 N.



Figura 3.4.1.2.1.23 – Fragmentos de vidro. Sondagem 2. Nível 0-20 cm. Coordenadas UTM 791110 E, 7599842 N.



Figura 3.4.1.2.1.24 – Fragmentos de louça branca, vidro e metal. Sondagem 2.
Nível 20-40 cm. Coordenadas UTM 791110 E, 7599842 N.



Figura 3.4.1.2.1.25 – Fragmento de faiança estilo *chinoiserie*. Tradagem 3 (raspagem).
Nível 0-5 cm. Coordenada UTM 791119 E, 7599846 N.

3.4.1.2.2 Sítio Arqueológico Rezadeira 1 – Coordenadas UTM 789707 E, 7600541 N. Ortofoto 16.

Perímetro: 215,83 m. Coordenadas UTM 789673 E, 7600543 N; 789711 E, 7600582 N; 789747 E, 7600540 N; 789698 E, 7600504 N.

Extensão e profundidade: Comprimento de 61 m; Largura de 54 m (área de 2.874,62 m²); Profundidade de 15 cm.

Na propriedade do Senhor Cid Lugão Curty, identificada sob o código PA-21, foram encontrados de vestígios de uma habitação simples, que seria construída com alicerces de pedra e tijolos maciços, mas, também, possuiria paredes de pau-a-pique. Pela informação dos moradores locais, ali teria sido residência de uma rezadeira, daí o nome atribuído ao sítio arqueológico.

Dentre os materiais históricos encontrados, além dos referidos materiais construtivos e acrescentando a presença de telhas, tijolo maciço e cravos em superfície, se relaciona a ocorrência de fragmentos de vidro verde e transparente. Foi feita uma doação pelo proprietário de um peso de 6kg que teria pertencido a essa rezadeira.

O local está a margem de uma estrada vicinal, situado próximo a um bambuzal. Uma trilha estreita corta a área onde seria a residência (Figuras 3.4.1.2.2.1 a 3.4.1.2.2.3).

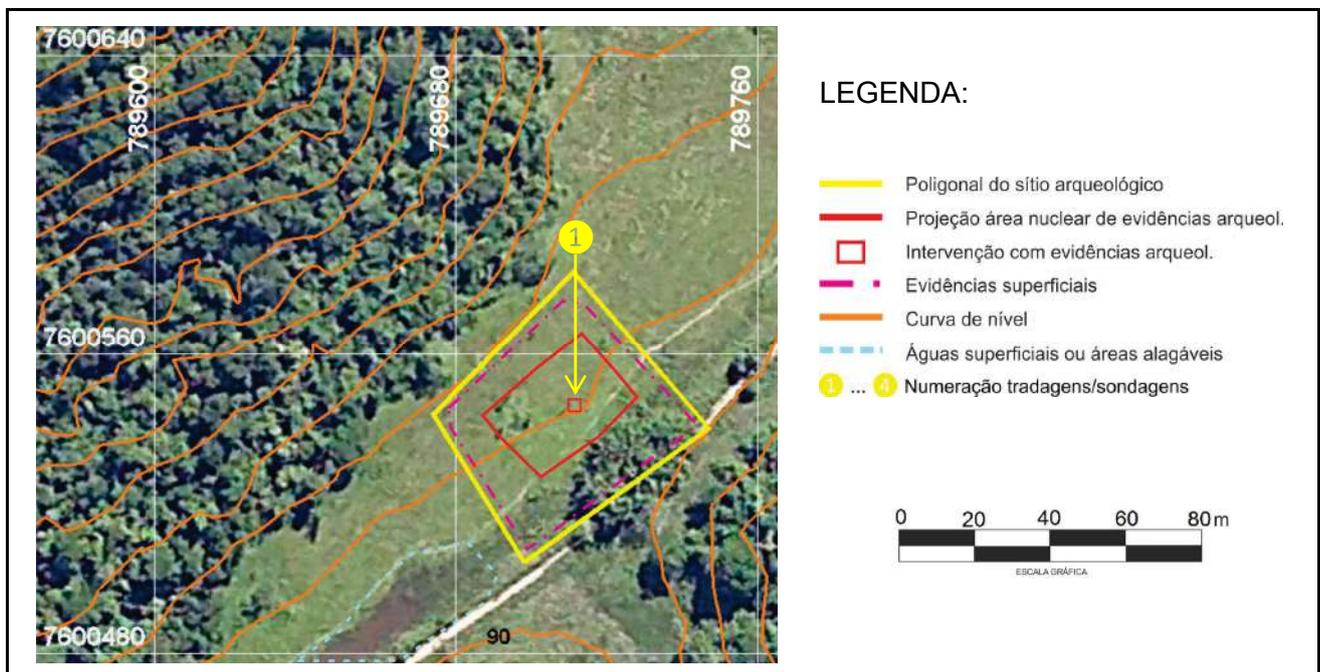


Figura 3.4.1.2.2.1 – Planta do sítio arqueológico Rezadeira 1. Santo Antônio de Pádua, RJ.



Figura 3.4.1.2.2.2 – Vista da área do sítio Rezadeira 1.



Figura 3.4.1.2.2.3 – Bambuzal adjacente ao sítio arqueológico Rezadeira 1.

As intervenções realizadas consistiram em raspagens, pois os vestígios se encontravam em superfície, alcançando uma profundidade máxima de 15 cm. Pode ser evidenciada a presença de pedaços de argila associados a parede de pau-a-pique, cacos de telha, fragmentos de tijolo maciço, cravo e fragmentos de vidro. A presença dos blocos de pedra foi interpretada como sendo parte do alicerce da edificação (Figuras 3.4.1.2.2.4 e 3.4.1.2.2.5). A textura do sedimento é argilo-arenosa.



Figura 3.4.1.2.2.4 – Intervenção arqueológica com evidências de argila de parede de pau-a-pique. Coordenadas UTM 789715 E, 7600544 N.



Figura 3.4.1.2.2.5 – Vestígios de estrutura (alicerce de pedras) a esquerda e, a direita, vestígios de argila, tijolo maciço e fundo de garrafa de vidro escuro. Coordenadas UTM 789711 E, 7600547 N.

Amostras dos pedaços de argila da parede de pau-a-pique e os fragmentos de vidro de garrafas foram coletados e junto a esta coleção do sítio foi incorporado o peso de balança de 5 kg (Figura 3.4.1.2.2.6 a 3.4.1.2.2.10).

VESTÍGIOS COLETADOS NO SÍTIO REZADEIRA 1		
NÍVEL	MATERIAL	Coordenadas UTM (SAD 69)
Superfície	1 pedaço de argila e 3 frag. de vidro (2 fundo de garrafa)	789711, 7600547
Superfície	2 pedaços de argila, 4 frag. de vidro	789715, 7600544
0-15 cm	6 frag. de vidro	789715, 7600544
-	1 peso de balança de 5 Kg (doação do Senhor Manoel Eduardo de Araújo)	-



Figura 3.4.1.2.2.6 – Fragmentos de vidro: dois de fundo de garrafa. Superfície.
Coordenadas UTM 789711 E, 7600547 N.



Figura 3.4.1.2.2.7 – Peça de argila. Superfície.
Coordenadas UTM 789711 E, 7600547 N.



Figura 3.4.1.2.2.8 – Peças de argila. Superfície.
Coordenadas UTM 789715 E, 7600544 N.



Figura 3.4.1.2.2.9 – Fragmentos de vidro. Nível 0-15 cm.
Coordenadas UTM 789715 E, 7600544 N.



Figura 3.4.1.2.2.10 – Peso de balança de 5 kg.

3.4.1.2.3 Sítio Arqueológico Rezadeira 2 – Coordenadas UTM 789974 E, 7600260 N. Ortofoto 16.

Perímetro: 407,49 m. Coordenadas UTM 789899 E, 7600279 N; 789977 E, 7600316 N; 790055 E, 7600250 N; 789973 E, 7600189 N.

Extensão e profundidade: Comprimento de 116 m; Largura de 102 m (área de 9.968,22 m²); Profundidade de 20 cm.

Na propriedade da Senhora Cecilia Macedo Araújo, código PA-22, foi identificado o sítio arqueológico do período histórico, denominado Rezadeira 2. Da mesma forma que o sítio anterior, a informação oral apontou para o local ter sido residência de uma rezadeira.

Os vestígios arqueológicos estavam em grande parte em superfície e a área vem sendo impactada pelo uso do local para plantio de quiabo. Em profundidade, a ocorrência se estendeu até 20 cm.

O sítio se localiza em um pequeno vale de declividade suave sendo que o fundo deste se encontra mais úmido, com uma drenagem intermitente. A sedimentação varia da textura arenosa para a argilosa, sendo a primeira mais superficial predominante nas áreas de declive.

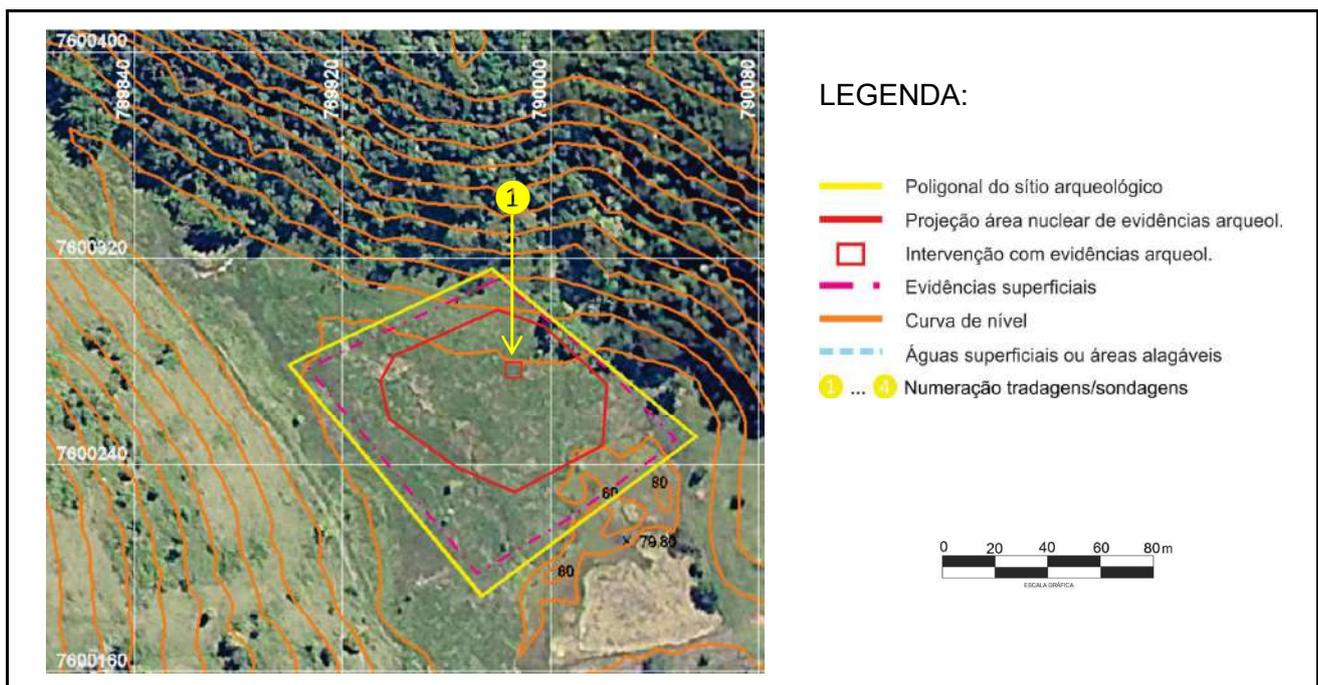


Figura 3.4.1.2.3.1 – Planta do sítio arqueológico Rezadeira 2. Santo Antônio de Pádua, RJ.

Foram realizadas várias intervenções, computando-se seis tradagens e uma sondagem (Figuras 3.4.1.2.3.2 a 3.4.1.2.3.8). Na sondagem foi encontrada parte de fundo de uma garrafa de grés em profundidade (Figuras 3.4.1.2.3.6 e 3.4.1.2.3.14) e, em uma tradagem, de coordenadas UTM 789982 E, 7600275, a presença de carvão foi registrada na profundidade de 20 cm.



**Figura 3.4.1.2.3.2 – Vista da área e tradagem.
Coordenadas UTM 789955 E, 7600274 N.**



**Figura 3.4.1.2.3.3 – Vista da área e tradagem.
Coordenadas UTM 789988 E, 7600299 N.**



**Figura 3.4.1.2.3.4 – Tradagem.
Coordenadas UTM 789989 E, 7600272 N.**



Figura 3.4.1.2.3.5 – Tradagem. Coordenadas UTM 789984 E, 7600278 N.



Figura 3.4.1.2.3.6 – Sondagem 1. Coletados louça e grés em 0-20 cm. Coordenadas UTM 789988 E, 7600274 N.



Figura 3.4.1.2.3.7 – Tradagem com profundidade de 80 cm.
Coordenadas UTM 790002 E, 7600256 N.



**Figura 3.4.1.2.3.8 – Tradagem. Mancha de carvão em 20 cm.
Coordenadas UTM 789982 E, 7600275 N.**

Dentre os materiais coletados predominaram os fragmentos de prato e de garrafa de vidro e grés (Figuras 3.4.1.2.3.9 a 3.4.1.2.3.14).

VESTÍGIOS COLETADOS NO SÍTIO REZADEIRA 2		
NÍVEL	MATERIAL	Coordenadas UTM (SAD 69)
Superfície	10 frag. de vidro, 7 frag. de louça branca	789989, 7600272
Superfície	1 frag. de grés	789984, 7600278
Superfície	3 frag. de louça branca, 1 frag. de telha	789988, 7600274 (S1)
0-20 cm	1 frag. de louça branca e 1 frag. de grés	789988, 7600274 (S1)



**Figura 3.4.1.2.3.9 – Fragmentos de louça branca. Superfície.
Coordenadas UTM 789989 E, 7600272 N.**



Figura 3.4.1.2.3.10 – Fragmentos de vidro e à direita detalhe de parte do fundo de uma garrafa. Superfície. Coordenadas UTM 789989 E, 7600272 N.



Figura 3.4.1.2.3.11 – Fragmento de garrafa de grés (faces externa e interna). Superfície. Coordenadas UTM 789984 E, 7600278 N.



Figura 3.4.1.2.3.12 – Fragmentos de louça branca (duas bordas) e de telha. Superfície. Área da sondagem 1. Coordenadas UTM 789988 E, 7600274 N.

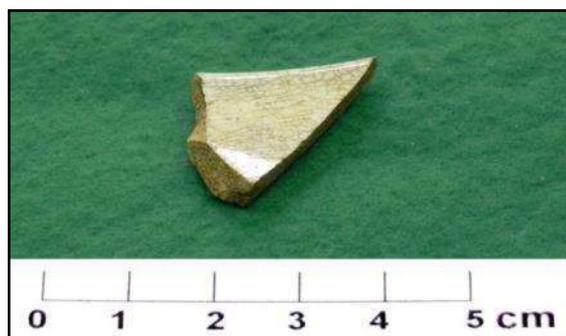


Figura 3.4.1.2.3.13 – Fragmento de borda de louça branca. Sondagem 1. Nível 0-20 cm.
Coordenadas UTM 789988 E, 7600274 N.



Figura 3.4.1.2.3.14 – Fragmento de grés (faces externa e interna). Sondagem 1. Nível 0-20 cm.
Coordenadas UTM 789988 E, 7600274 N.

3.4.1.2.4 Sítio Arqueológico Engenho Zeca Santos – Coordenadas UTM 789755 E, 7599579 N. Ortofoto 16.

Perímetro: 756,96 m. Coordenadas UTM 789609 E, 7599559 N; 789833 E, 7599685 N; 789884 E, 7599620 N; 789705 E, 7599433 N.

Extensão e profundidade: Comprimento de 260 m; Largura de 158 m (área de 30.745,45 m²); Profundidade de 60 cm.

O sítio arqueológico Engenho de Zeca Santos ocupa uma extensa área na margem do rio Paraíba do Sul, na propriedade do Senhor Denir Ferreira Fonseca, cujo código é o PA-25 (Figuras 3.4.1.2.4.1 e 3.4.1.2.4.2). O sítio, associado a ocupação de antigo engenho (informação oral) encontra-se relativamente impactado pelo uso agrícola e pela ocupação recente do local, sendo encontrados vestígios do período histórico como um piso de pedras e área de depósito de lixo. Associam-se a ocupação fragmentos de louça branca e decorada, de vidro, de metal, de restos alimentares (ossos de animais domésticos) e de materiais construtivos como telha e tijolo.

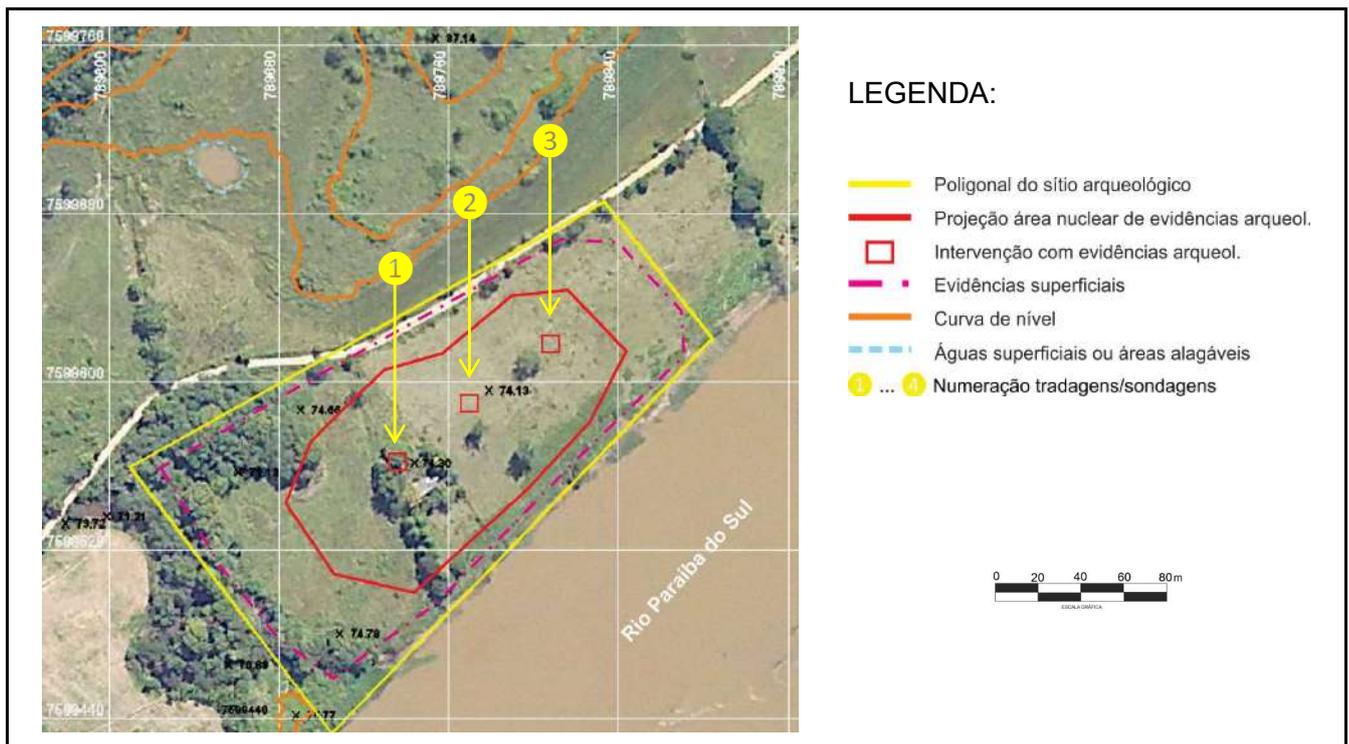


Figura 3.4.1.2.4.1 – Planta do sítio arqueológico Engenho Zeca Santos. Santo Antônio de Pádua, RJ.



Figura 3.4.1.2.4.2 – Vista da porção leste do sítio Engenho Zeca Santos. Ao fundo está o Rio Paraíba do Sul.

Das nove intervenções realizadas na área do sítio em três foram encontrados vestígios arqueológicos em profundidade (Figuras 3.4.1.2.4.3 a 3.4.1.2.4.12). Por uma extensa área do entorno destas intervenções puderam ser encontrados materiais em superfície.

A textura de sedimento predominante foi a argilosa e na camada de ocorrência de vestígios arqueológicos em meio a ocorrência de carvão, interpretada como sendo a área de depósito de lixo da ocupação histórica, o sedimento estava bastante compactado.



Figura 3.4.1.2.4.3 – Vista da área e detalhe da tradagem. Sedimento argiloso. Coordenadas UTM 789702 E, 7599573 N.



Figura 3.4.1.2.4.4 – Vista da área e detalhe da tradagem. Sedimento argiloso. Coordenadas UTM 789732 E, 7599531 N.



**Figura 3.4.1.2.4.5 – Vista da área e detalhe da tradagem. Sedimento argiloso.
Coordenadas UTM 789741 E, 7599615 N.**



**Figura 3.4.1.2.4.6 – Vista da área e detalhe da tradagem.
Coordenadas UTM 789773 E, 7599544 N.**



**Figura 3.4.1.2.4.7 – Vista da área e detalhe da tradagem. Sedimento argiloso.
Coordenadas UTM 789792 E, 7599629 N.**



**Figura 3.4.1.2.4.8 – Vista da área e detalhe da tradagem.
Coordenadas UTM 789817 E, 7599584 N.**

Pela disposição das evidências arqueológicas em profundidade, como o depósito de lixo e o piso de pedras, o entorno da residência atual seria também o núcleo da ocupação antiga.

Na intervenção próxima a edificação recente, vestígios de telhas, blocos rochosos se misturavam a restos recentes como pedaços de plástico (Figura 3.4.1.2.4.9). O piso de pedras se encontra próximo a edificação recente e a esta intervenção (Figura 3.4.1.2.4.10).

A camada de concentração do depósito de lixo se encontrava a cerca de 20 cm de profundidade, sobrejacente a uma camada avermelhada, estéril para vestígios arqueológicos. No nível superior, até 20 cm, foram registrados vestígios de blocos rochosos e fragmentos de telha, sendo esta camada modificada pelo uso hodierno da área (Figura 3.4.1.2.4.11).

Na tradagem 3, a presença de carvão foi considerada relevante para a delimitação do sítio pela profundidade ser similar a de ocorrência dos vestígios arqueológicos (Figura 3.4.1.2.4.12).



**Figura 3.4.1.2.4.9 – Vista de edificação recente e tradagem 1 com profundidade de 55 cm.
Telhas, pedras, louça e plástico em 10 cm, não coletados. Coordenadas UTM 789739 E, 7599560 N.**



Figura 3.4.1.2.4.10 – Piso de pedras e fragmentos de telhas.
Coordenadas UTM 789739 E, 7599560 N.



Figura 3.4.1.2.4.11 – Sondagem 2. Escavação parcial e final.
Coordenadas UTM 789764 E, 7599590 N.



Figura 3.4.1.2.4.12 – Vista da área e sondagem 3 com profundidade de 47 cm.
Coordenadas UTM 789810 E, 7599618 N. Carvão em 20 cm.

Os vestígios arqueológicos compreendem materiais do século XIX, com louças decoradas com motivos florais pintados a mão, *shell edged* na cor verde, padrão trigal e outras formas de decoração em relevo. Fragmentos de garrafa de grés também são relacionados e uma grande variedade de fragmentos de garrafas de vidro (Figuras 3.4.1.2.4.13 a 3.4.1.2.4.52).

VESTÍGIOS COLETADOS NO SÍTIO ENGENHO ZECA SANTOS

NÍVEL	MATERIAL	Coordenadas UTM (SAD 69)
Superfície	1 frag. de louça branca	789750, 7599576
Superfície	1 frag. de vidro (fundo)	789762, 7599577
Superfície	1 dente e 1 frag. de louça trigel	789762, 7599593
Superfície	1 frag. de louça branca, 1 frag. de grés e 5 frag. de vidro e 4 frag. de telha	789765, 7599565
Superfície	1 metal, 1 frag. de telha e 3 frag. de vidro	789769, 7599596
Superfície	1 parte de garrafa transparente e 3 frag. de louça branca trigel que se encaixam	789775, 7599576
0-5 cm - área do piso de pedras	1 frag. de louça branca	789739, 7599560 (T1)
Raspagem-superfície	3 frag. de vidro	789764, 7599590 (S2)
0-5 cm	5 frag. de vidro (sendo 2 fundo) e 2 frag. de louça branca	789764, 7599590 (S2)
5-20 cm	1 frag. ósseo e 1 dente	789764, 7599590 (S2)
20-40 cm	3 frag. de louça branca, 1 frag. de vidro, 1 frag. de louça azul na face interna e 1 frag. cerâmico	789764, 7599590 (S2)
40-60 cm	5 frag. de metal, 1 parafuso, 1 arruela, 21 frag. de vidro, 4 frag. malacológico, 12 pregos, 1 cabo de talher, 50 frag. de louça branca, 1 frag. de louça <i>shell edged</i> verde, 1 frag. de louça com friso na cor preta, 2 frag. de louça com decoração floral pintada a mão, 1 frag. de louça com friso na cor azul, 3 frag. ósseos, 3 frag. de louça branca que se encaixam, com decoração em relevo, 1 frag. de reboco, 29 frag. cerâmicos e 1 frag. de telha	789764, 7599590 (S2)



Figura 3.4.1.2.4.13 – Fragmentos de vidro e louça branca. Superfície. Coordenadas UTM 789765 E, 7599565 N.



Figura 3.4.1.2.4.14 – Fragmento de grés (faces externa e interna). Superfície. Coordenadas 789765 E, 7599565 N.



Figura 3.4.1.2.4.15 – Fragmentos de vidro. Superfície.
Coordenadas UTM 789769 E, 7599596 N.



Figura 3.4.1.2.4.16 – Fragmento cerâmico. Superfície.
Coordenadas UTM 789769 E, 7599596 N.



Figura 3.4.1.2.4.17 – Metal. Superfície.
Coordenadas UTM 789769 E, 7599596 N.



Figura 3.4.1.2.4.18 – Fragmento de louça branca. Superfície.
Coordenadas UTM 789750 E, 7599576 N.



Figura 3.4.1.2.4.19 – Fragmentos de louça branca. Superfície.
Coordenadas UTM 789775 E, 7599576 N.



Figura 3.4.1.2.4.20 – Parte de garrafa transparente. Superfície.
Coordenadas UTM 789775 E, 7599576 N.



Figura 3.4.1.2.4.21 – Vidro, fundo de garrafa branca pequena (faces interna e externa). Superfície.
Coordenadas UTM 789762 E, 7599577 N.



Figura 3.4.1.2.4.22 – Fragmento de borda de louça com decoração trigal. Superfície.
Coordenadas UTM 789762 E, 7599593 N.

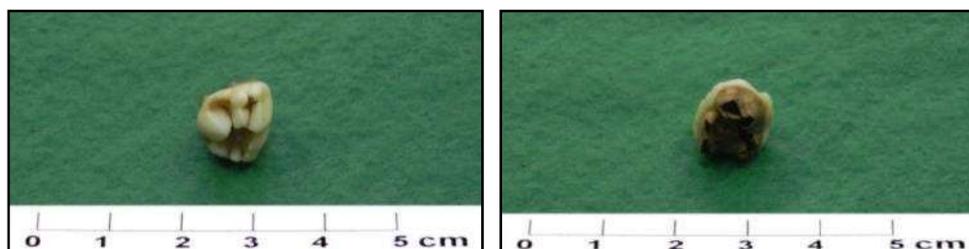


Figura 3.4.1.2.4.23 – Dente. Superfície.
Coordenadas UTM 789762 E, 7599593 N.



Figura 3.4.1.2.4.24 – Fragmento de louça branca. Coletado na área do piso de pedras do engenho.
Tradagem 1. Nível 0-5 cm. Coordenadas UTM 789739 E, 7599560 N.



Figura 3.4.1.2.4.25 – Fragmento de vidro verde (fundo de garrafa, faces externa e interna). Área da sondagem 2.
Superfície. Coordenadas UTM 789764 E, 7599590 N.



Figura 3.4.1.2.4.26 – Fragmentos de vidro. Área da sondagem 2. Superfície.
Coordenadas UTM 789764 E, 7599590 N.

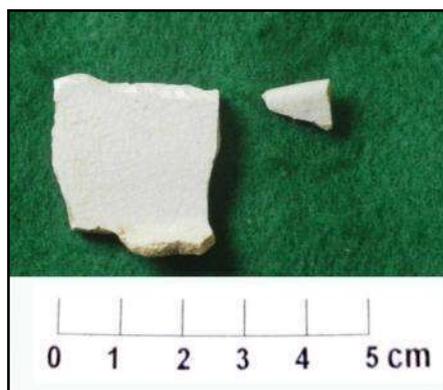


Figura 3.4.1.2.4.27 – Fragmentos de louça branca. Sondagem 2. Nível 0-5 cm. Coordenadas UTM 789764 E, 7599590 N.



Figura 3.4.1.2.4.28 – Fragmentos de vidro. Sondagem 2. Nível 0-5 cm. Coordenadas UTM 789764 E, 7599590 N.



Figura 3.4.1.2.4.29 – Fragmentos de fundo de garrafa: verde e transparente. Sondagem 2. Nível 0-5 cm. Coordenadas UTM 789764 E, 7599590 N.



Figura 3.4.1.2.4.30 – Fragmentos de vidro. Sondagem 2. Nível 0-5 cm.
Coordenadas UTM 789764 E, 7599590 N.



Figura 3.4.1.2.4.31 – Fragmento de osso e um dente. Sondagem 2. Nível 5-20 cm.
Coordenadas 789764 E, 7599590 N.



Figura 3.4.1.2.4.32 – Fragmentos de louça: um de cor azul na face externa e uma borda.
Sondagem 2. Nível 20- 40 cm. Coordenadas UTM 789764 E, 7599590 N.



Figura 3.4.1.2.4.33 – Fragmento de louça. Sondagem 2. Nível 20 – 40 cm.
Coordenadas UTM 789764 E, 7599590 N

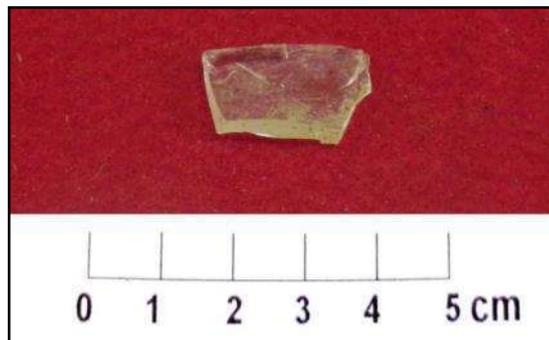


Figura 3.4.1.2.4.34 – Fragmento de vidro. Sondagem 2. Nível 20-40 cm.
Coordenadas UTM 789764 E, 7599590 N.



Figura 3.4.1.2.4.35 – Fragmento de metal a esquerda e, a direita, fragmento cerâmico.
Sondagem 2. Nível 20-40 cm. Coordenadas UTM 789764 E, 7599590 N.



Figura 3.4.1.2.4.36 – Fragmentos de louça decorada: a esquerda decoração floral verde e marrom; a direita borda com friso marrom. Sondagem 2. Nível 40-60 cm. Coordenadas UTM 789764 E, 7599590 N.



Figura 3.4.1.2.4.37 – Fragmentos de borda: a esquerda *shell edged* verde e, a direita, floral.
Sondagem 2. Nível 40-60 cm. Coordenadas UTM 789764 E, 7599590 N.



Figura 3.4.1.2.4.38 – Fragmento de louça com decoração em azul. Sondagem 2. Nível 40-60 cm. Coordenadas UTM 789764 E, 7599590 N.



Figura 3.4.1.2.4.39 – Fragmento de louça com inscrição não identificada. Sondagem 2. Nível 40-60 cm. Coordenadas UTM 789764 E, 7599590 N.

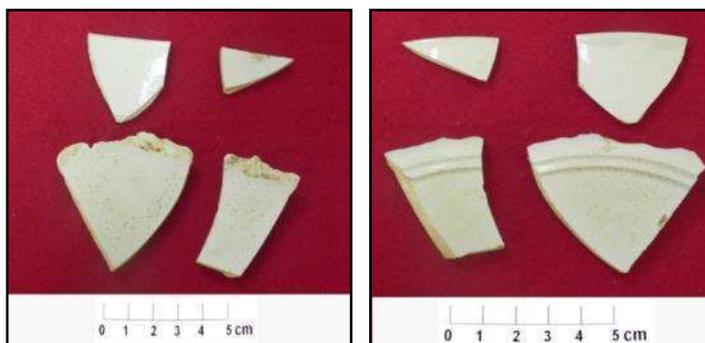


Figura 3.4.1.2.4.40 – Fragmentos de louça: borda e fundo. Sondagem 2. Nível 40-60 cm. Coordenadas UTM 789764 E, 7599590 N.



Figura 3.4.1.2.4.41 – Fragmentos de louça: trigal. Sondagem 2. Nível 40-60 cm. Coordenadas UTM 789764 E, 7599590 N.



Figura 3.4.1.2.4.42 – Fragmentos de louça branca. Sondagem 2. Nível 40-60 cm. Coordenadas UTM 789764 E, 7599590 N.



Figura 3.4.1.2.4.43 – Fragmentos de louça branca. Sondagem 2. Nível 40-60 cm. Coordenadas UTM 789764 E, 7599590 N.

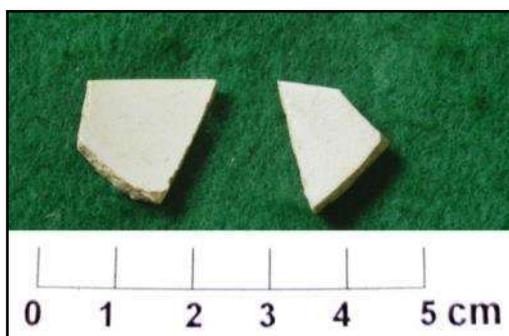


Figura 3.4.1.2.4.44 – Fragmentos de louça branca: bordas. Sondagem 2. Nível 40-60 cm. Coordenadas UTM 789764 E, 7599590 N.



Figura 3.4.1.2.4.45 – Fragmentos de vidro. Sondagem 2. Nível 40-60 cm. Coordenadas UTM 789764 E, 7599590 N.



Figura 3.4.1.2.4.46 – Fragmentos cerâmicos (faces externa e interna). Sondagem 2. Nível 40-60 cm. Coordenadas UTM 789764 E, 7599590 N.



Figura 3.4.1.2.4.47 – Metal. Sondagem 2. Nível 40-60 cm. Coordenadas UTM 789764 E, 7599590 N.



Figura 3.4.1.2.4.48 – Cabo de talher. Sondagem 2. Nível 40-60 cm. Coordenadas UTM 789764 E, 7599590 N.



Figura 3.4.1.2.4.49 – Metal. Sondagem 2. Nível 40-60 cm. Coordenadas UTM 789764 E, 7599590 N.



Figura 3.4.1.2.4.50 – Pregos. Sondagem 2. Nível 40-60 cm.
Coordenadas UTM 789764 E, 7599590 N.



Figura 3.4.1.2.4.51 – Malacológico. Sondagem 2. Nível 40-60 cm.
Coordenadas UTM 789764 E, 7599590 N.



Figura 3.4.1.2.4.52 – Fragmentos ósseos. Sondagem 2. Nível 40-60 cm.
Coordenadas UTM 789764 E, 7599590 N.

3.4.1.2.5 Sítio Arqueológico Monjolo – Coordenadas UTM 788797 E, 7601283 N. Ortofoto 8.

Perímetro: 406,15 m. Coordenadas UTM 788747 E, 7601322 N, 788795 E, 7601336 N; 788865 E, 7601195 N; 788823 E, 7601186 N.

Extensão e profundidade: Comprimento de 157 m; Largura de 50 m (área de 7.066,15 m²); Profundidade de 30 cm.

O sítio arqueológico Monjolo, situado na propriedade da Senhora Maria Nogueira Moreira e outros, sob o código PA-044, consiste em uma área identificada pela tradição oral como uma unidade funcional onde teria existido um monjolo, sistema que servia para pilar e descascar milho e arroz. O sistema hidráulico para o funcionamento do monjolo é relacionado pela presença de alicerces e vestígios arqueológicos na porção baixa de uma drenagem (Figuras 3.4.1.2.5.1 a 3.4.1.2.5.). Em área inferior do terreno há um açude (Figura 3.4.1.2.5.2 e 3.4.1.2.5.4).

Os materiais coletados, com predominância de restos de metal, fragmentos de vidros e louças simples, sendo as decoradas do tipo trigal, são elementos que reforçam o uso do local como área funcional, sem que fossem encontrados vestígios indicadores de uma habitação como, p.ex., estruturas de queima e uma área de depósito de lixo com maior diversidade de louças e outros elementos de uso cotidiano.

Os vestígios se encontravam no entorno de uma estrutura de pedras e ocorreram até a profundidade de 30 cm em média.

A textura areno-argilosa foi predominante nas intervenções realizadas e registrou-se a presença de carvão em 30 cm em duas, as intervenções 3 e 5. A cor do sedimento era mais escura, com tons marrons nos primeiros 30 cm e, abaixo, o sedimento alaranjado constituía uma camada estéril do ponto de vista arqueológico, fazendo parte do substrato sedimentar da área.



Figura 3.4.1.2.5.1 – Vista sudeste do sítio arqueológico Monjolo com estrutura de pedras em primeiro plano e drenagem ao fundo. Santo Antônio de Pádua, RJ.

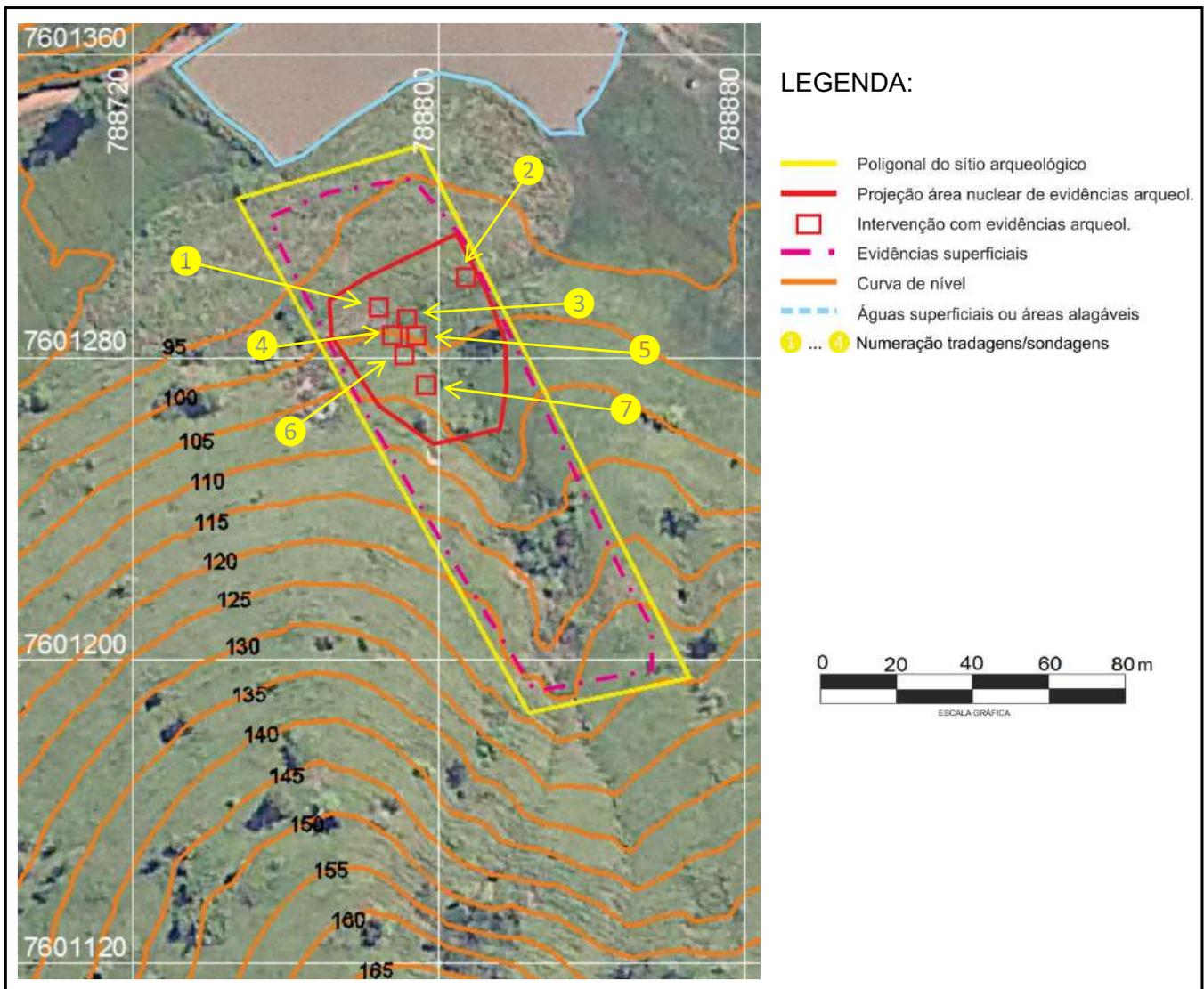


Figura 3.4.1.2.5.2 – Planta geral do sítio arqueológico Monjolo, Santo Antônio de Pádua, RJ.



Figura 3.4.1.2.5.3 – Vista em direção oeste do sítio arqueológico Monjolo, com drenagem a esquerda e estrutura de pedras a direita.



Figura 3.4.1.2.5.4 – Vista em direção norte com açude ao fundo.



Figura 3.4.1.2.5.5 – Detalhe da estrutura de pedras com alguns blocos aparentes.



Figura 3.4.1.2.5.6 – Estrutura de pedra e tradagem. Telha canal em superfície. Coordenadas UTM 788798 E, 7601300 N.



Figura 3.4.1.2.5.7 – Tradagem 1 com profundidade de 40 cm. Telhas em 10 cm. Coordenadas UTM 788783 E, 7601295 N.



Figura 3.4.1.2.5.8 – Perfil da intervenção 2 (raspagem) com fragmentos de tijolo e de telha. Coordenadas UTM 788808 E, 7601302 N.



Figura 3.4.1.2.5.9 – Sondagem com tradagem 3 com profundidade de 40 cm. Ocorrência de telha, vidro e carvão. Coordenadas UTM 788792 E, 7601291 N.



Figura 3.4.1.2.5.10 – Tradagem 4 com profundidade de 30 cm. Concentração de fragmentos de telha até 20 cm. Coordenadas UTM 788789 E, 7601287 N.



Figura 3.4.1.2.5.11 – Tradagem 5 com profundidade de 30 cm. Presença de cascalho e carvão. Coordenadas UTM 788794 E, 7601285 N.



**Figura 3.4.1.2.5.12 – Tradagem 7 com profundidade de 50 cm.
Coordenadas UTM 788797 E, 7601272 N. (telha em 20 cm)**



**Figura 3.4.1.2.5.13 – Tradagem com profundidade de 20 cm.
Coordenadas UTM 788791 E, 7601285 N.**



**Figura 3.4.1.2.5.14 – Tradagem com profundidade de 20 cm.
Coordenadas UT M 788797 E, 7601302 N.**



**Figura 3.4.1.2.5.15 – Tradagem com profundidade de 50 cm.
Coordenadas UTM 788788 E, 7601322 N.**

Os vestígios encontrados correspondem a uma área de serviço rural, como seria a de funcionamento de um monjolo. Entre eles predominou a ocorrência de telhas, peças metálicas, garrafas de vidro, poucas louças brancas, destacando-se um fragmento com a decoração trigal (Figuras 3.4.1.2.5.16 a 3.4.1.2.5.30). Uma enxada, um aro de metal, um prego e uma ferradura também foram registrados, sendo esta última coletada em superfície (Figura 3.4.1.2.5.18). A presença de telhas foi registrada na maioria das intervenções sendo coletadas amostras em parte delas (intervenções 3, 6 e 7).

VESTÍGIOS COLETADOS NO SÍTIO MONJOLO		
NÍVEL	MATERIAL	Coordenadas UTM (SAD 69)
Superfície	1 frasco de vidro, 5 frag. de louça branca, 1 frag. de porcelana, 1 ferradura, 1 de frag. de louça trigal, 4 frag. cerâmicos e 6 frag. de vidro	Sem coordenadas
Superfície	1 frag. de fundo de garrafa, 1 frag. de louça branca, 1 frag. de louça com alteração por queima, 2 frag. de vidro	788815, 7601295
0-25 cm	2 frag. de telha, 1 frag. de vidro, 1 prego, 1 frag. de argamassa e 1 parte de embalagem de produto de "para o cabelo do homem"	788792, 7601291 (ST3)
20-30 cm	1 enxada, 1 aro de metal, 15 frag. de metal, 2 hastes	788789, 7601287 (T4)
30-35 cm	7 frag. de metal	788794, 7601285 (T5)
30 cm	2 frag. de telha e concreções ferruginosas	788793, 7601281 (T6)
20 cm	3 frag. de telha e 2 concreções ferruginosas	788797, 7601272 (T7)



Figura 3.4.1.2.5.16 – Fragmentos de louça branca: a primeira, a esquerda, com decoração trigal. Superfície.



Figura 3.4.1.2.5.17 – Fragmento de louça branca, alça de porcelana e vidro verde claro. Superfície.



Figura 3.4.1.2.5.18 – Ferradura. Superfície.



Figura 3.4.1.2.5.19 – Fragmentos cerâmicos. Superfície.



Figura 3.4.1.2.5.20 – Fragmentos de vidro (3 de cor âmbar, 1 verde claro e 1 transparente com a inscrição “487” e “SM”). Superfície.



Figura 3.4.1.2.5.21 – Fragmentos de louças, a da direita está alterada por queima. Superfície. Coordenadas UTM 788815 E, 7601295 N.



Figura 3.4.1.2.5.22 – Fundo de garrafa com uma marca “L”. Superfície. Coordenadas UTM 788815 E, 7601295 N.



Figura 3.4.1.2.5.23 – Fragmentos de vidros. Superfície. Coordenadas UTM 788815 E, 7601295 N.



Figura 3.4.1.2.5.24 – Fragmentos de telhas. Sondagem com tradagem 3. Nível 0-25 cm.
Coordenadas UTM 788792 E, 7601291 N.



Figura 3.4.1.2.5.25 – Fragmento de vidro transparente e prego. Sondagem com tradagem 3. Nível 0-25 cm.
Coordenadas UTM 788792 E, 7601291 N.



Figura 3.4.1.2.5.26 – Enxada. Tradagem 4. Nível 20-30 cm.
Coordenadas UTM 788789 E, 7601287 N.



Figura 3.4.1.2.5.27 – Argola de metal. Tradagem 4. Nível 20-30 cm.
Coordenadas UTM 788789 E, 7601287 N.



Figura 3.4.1.2.5.28 – Fragmentos de metal e uma pedra. Tradagem 4. Nível 20-30 cm. Coordenadas UTM 788789 E, 7601287 N.

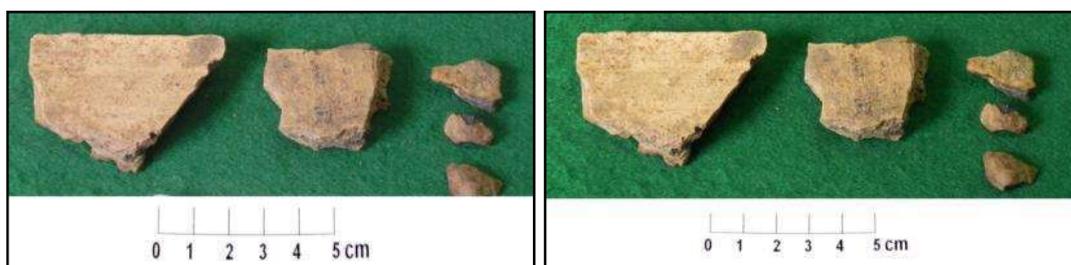


Figura 3.4.1.2.5.29 – Fragmentos de telhas e concreções. Tradagem 6. Nível 30 cm. Coordenadas UTM 788793 E, 7601281 N.



Figura 3.4.1.2.5.30 – Fragmentos de telha e concreções ferruginosas. Tradagem 7. Nível 20 cm. Coordenadas UTM 788797 E, 7601272 N.